NUM. 181 SABBADO 18 DE NOVEMBRO DE 1911 ANNO IV

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

ROUGET DE L'ISLE NA CHINA

— . . . formez . . . . vos bataillons ! . . . "tching bong ! . . ."

NUTROGENOL GRANADO

ALIMENTO PHOSPHATADO

Guaraná, Kola, Coca, Cacao e Acido phosphorico

Elixir, granulado e gottas

Na Depressão intellectual e nervosa e em todos os estados em que haja a reparar forças depauperadas

Rua 1.º de Março ns. 14, 16 e 18 -- Rio de Janeiro

O AUTOPIANO

da The Autopiano Company — New-York

SALA PARA DEMONSTRAÇÃO NO

Rio de Janeiro á Rua dos Ourives 59 (moderno)

GERENTE: STEPHEN SCHAEFER

Convida-se respeitosamente de vir tocar pessoalmente no

MARAVILHOSO AUTOPIANO

O **Autopiano** representa a ultima palavra em Pianos pneumaticos com o **"Soloist"**, com o **"Temponome"**, com a **"Guia automatica do rolo"**, sem a qual é absolutamente impossivel de tocar com satisfacção inteira as musicas de 88 notas (teclado inteiro)

Pessôa alguma deve comprar Piano ou Piano pneumatico sem ter visto e ouvido o maravilhoso **Autopiano**, pois tendo visto e ouvido o **Autopiano** pessôa alguma vae comprar outra marca qualquer.

A lembrança de QUALIDADE sobrevive a de PREÇO BARATO

AGENCIAS EXCLUSIVAS NO BRASIL:

São Paulo. . . . **MURINO IRMÃOS.**
Rio de Janeiro. **CASA MOZART.**
Bahia . . . . . . **ESTABELECIMENTO SANTA CECILIA.**
Pernambuco. . . **RAMIRO M. COSTA E FILHOS.**
Pará . . . . **PALAIS ROYAL.**
Campos . . . . . **ADOLPHO BUCKER.**

A BOTA FLUMINENSE

FABRICA DE CALÇADOS

Sendo esta casa a maior e a mais conhecida em todo o Brazil e o que mais barato vende, o proprietario avisa todos os seus freguezes e amigos e a povo em geral que adquiriu um colossal sortimento moderno e resolveu reduzir todos os preços do seu enormo stock, pede para examinarem a pequena lista que se segue

Sapatos de veludo com fivelas grande, 10$, 12$ e . . . 15$000
» de verniz, 8$, 10$, 12$ e . . . . 15$000
» de lona, 3$500, 4$, 6$ e . . . . 8$000
» de abotoar, 5$ e . . . . 6$000
Botas pretas ou amarellas, 8$, 10$ e . . . . 12$000
Sapatos para noivas ou communhão, 7$, 8$, 10$, 18$ e 20$000

HOMENS

Botas de kangurú envernizado, 16$ e . . . . 18$000
Sapatos de verniz, 12$ e . . . . 18$000
» Challeira, pretos ou amarellos, 11$, 12$ e . 13$000
Botinas amarellas, 7$, 9$ e . . . . 10$000
» pretas a ponto, desde . . . . 5$000

Encommendas pelo Correio mais 2$000

123, AVENIDA PASSOS, 123

(Lado da Rua Marechal Floriano)

Exigir a marca aqui representada

GUARANÁ

Iodo-Kola

PREPARAÇÃO SEM ALCOOL

Vende-se em todas as pharmacias

= SOBERANO =

NAS MOLESTIAS DO

Estomago

Intestinos

Coração

Nervos

TONICO DO UTERO

COMPANHIA MANUFACTORA

DE

Conservas Alimenticias

FUNDADA EM 1890

Telephone n. 1004 — End. Telegr.: ***Conservas*** — ***Caixa Postal 574***

PROVE

a ESPLENDIDA Manteiga Mineira e logo se certificará que é de Puro Leite

MUITO SABOROSA E A MAIS FINA DO MUNDO

Quatro Medalhas de Ouro e Diploma de Honra em S. Luiz (E. U. A.) Bruxellas e Colombiana de 1900

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

Exija Sempre a Marca "ESPLENDIDA"

Capital. . .... 600:000$000 — Fundo de Reserva. 330:000$000

33 RUA D. MANOEL 33

RIO DE JANEIRO

Queda dos Cabellos, Barba, Sobrancelhas, Pellada, Calvicie precóce, Caspa, etc.

NOVAS CURAS — NOVOS ATTESTADOS

Attestado do Sr. Dr. Lopes Trovão, o eminente republicano e extraordinario tribuno da propaganda:

Attesto que muitas pessoas que, a conselho meu, têm usado o PILOGENIO de Giffoni, hão colhido os mais evidentes resultados. E, por ser verdade firmo gostosamente o presente.

Rio, 12—11—909.

Dr. Lopes Trovão.

Attestado do Sr. Capitão de Mar e Guerra Dr. Galdino Cicero de Magalhães, Director do Hospital de Marinha.

Declaro que tenho feito uso do producto denominado PILOGENIO, gerador de cabellos, preparado do Pharmaceutico Francisco Giffoni, e com bom resultado.

A caspa e outras pelliculas desappareceram da cabeça e cessou a quéda dos cabellos, que se conservam em boas condições.

Rio, 12—4—909.

Dr. Galdino Magalhães.

O PILOGENIO vende-se no deposito geral: Drogaria de Francisco Giffoni & C.

Cultivado pelo Pilogenio

17, RUA PRIMEIRO DE MARÇO (ANTIGO 9) — Rio de Janeiro

e nas boas pharmacias, drogarias e perfumarias e nos Estados encontra-se desde já nas seguintes cidades:

Pará, Pernambuco, Bahia, Victoria, Bello-Horizonte, Curityba, Pelotas, Rio Grande, Porto Alegre, Corumbá, Cuyabá e Goyaz

---

A Saude da Mulher !

NÃO SÓ O POVO NOS ACCLAMA ! TAMBEM OS MEDICOS !

Attesto que tenho empregado o xarope BROMIL em minha clinica, com bons resultados nas molestias do apparelho respiratorio.

S. Paulo, 7 de Janeiro de 1910.— DR. AURELIO MAGALHÃES.

Attesto *in fide medici* que tenho empregado em minha clinica o preparado BROMIL, com excellentes resultados nas molestias do apparelho respiratorio.

S. Paulo, 5 de Janeiro de 1910.—DR. BRENO MUNIZ DE SOUZA.

Em minha clinica jamais tive ensejo de maldizer do BROMIL e SAUDE DA MULHER. O referido, sendo a expressão da verdade, attesto e juro, em fé do meu grão.

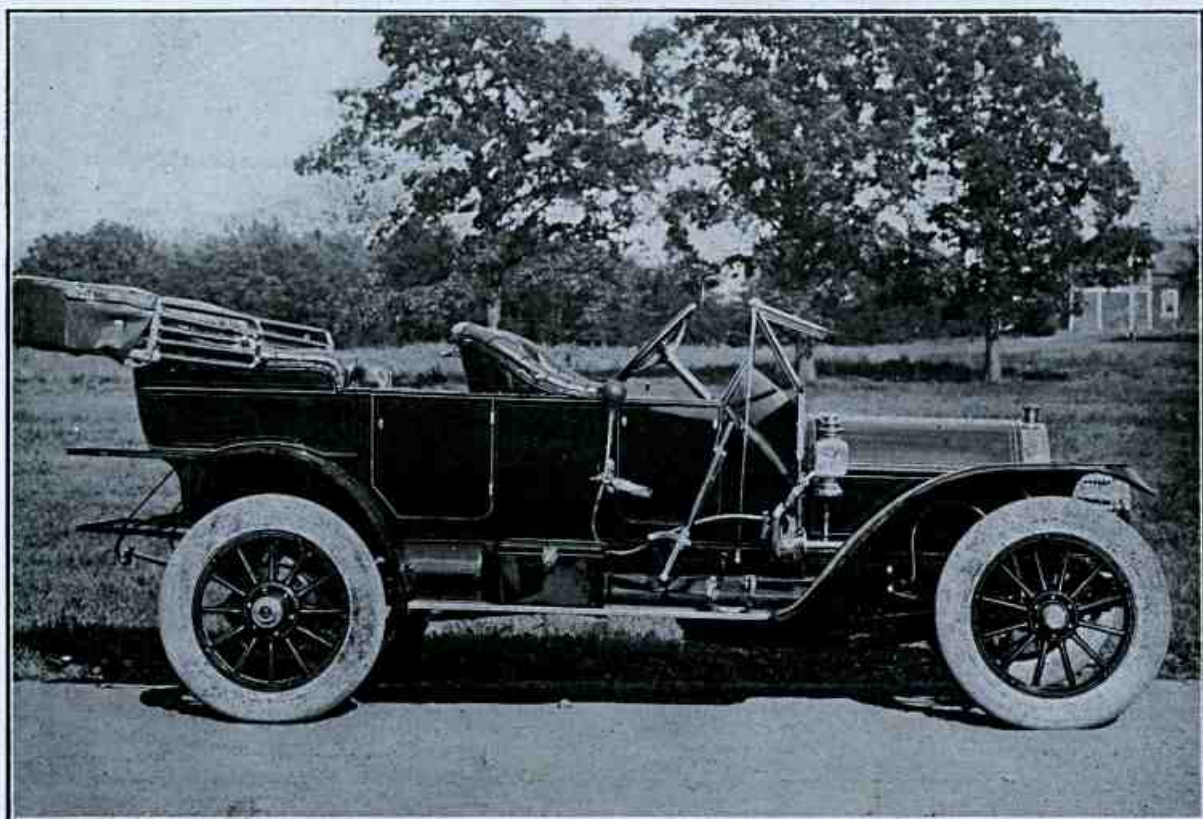
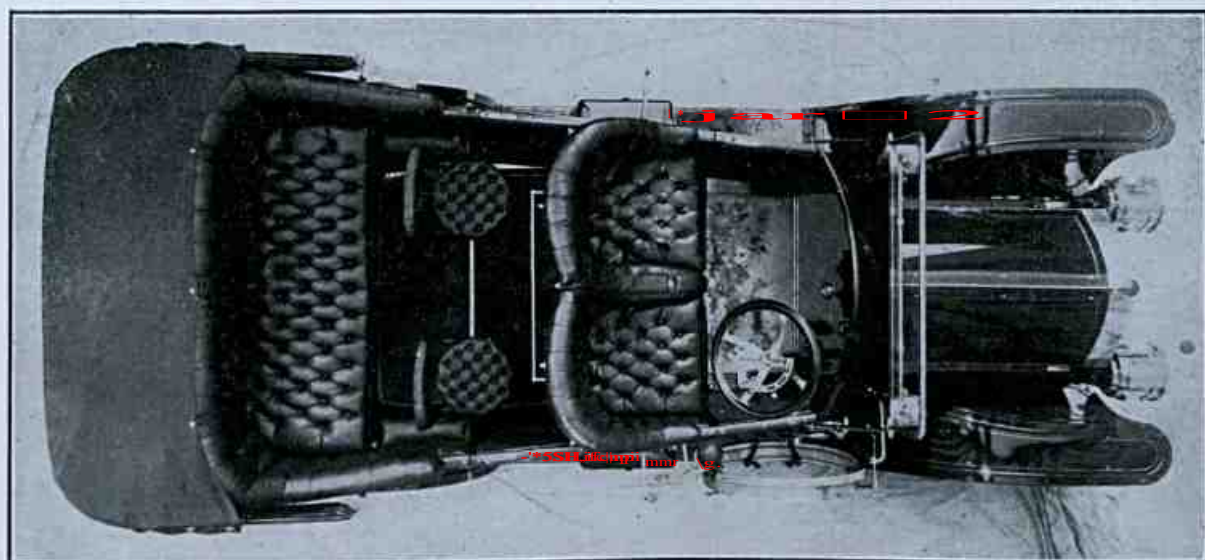
Rio de Janeiro, 3 de Janeiro de 1910.—DR. DIAS DA CRUZ FILHO.

Laboratorio Daudt & Lagunilla

430, RUA DO RIACHUELO, 430 — Rio de Janeiro

Depositarios: — DROGARIA PACHECO. — ARAUJO FREITAS & C. — GRANADO & C. SILVA GOMES & C. — FREIRE GUIMARAES & C.

KNOX

Uma das melhores e das mais caras das marcas americanas!

O Modelo "R" — Serie B (Touring Car) 40 H. P., 4 cylindros, 7 lugares. O modelo de automoveis Knox que mais se adapta ao serviço de praça. O mais economico, veloz, forte, elegante e seguro. Consome em dez horas de serviço consecutivo, apenas um litro de oleo e não desprende absolutamente fumaça. Em dez horas gasta uma lata de gazolina e é garantido pelo prazo de cinco annos de bom funccionamento. ***Preço: 14:000$000***

Interior do mesmo modelo

Grande *stock* de todas as peças de sobresalente. Carros em deposito para demonstrações.

REPRESENTANTE GERAL PARA O BRAZIL:

HUMBERTO DE LIMA SUCCESSOR DE **HUMBERTO DE LIMA & C.IA**

Rua Rodrigo Silva ns. 5 e 10 — Teleph. 1260 — Caixa Postal, 275 — Rio de Janeiro

SOCIÉTÉ

DEPARTAMENTO COMMERCIAL

Armazem de Apparelhos e Installações a Gaz

O COSINHEIRO SIMÃO

XIV

Simão empossado de seu cargo deu principio ás suas funcções e cantarolando as modinhas de sua predileção retalhava a carne e previa o grande successo que lhe estava reservado. De vez emquando sorria e recordava o tempo em que vivera agrilhoado a um tronco embotando a sua intelligencia rara.

(Continúa)

RECLAMAÇÕES:
TELEPHONE N. 2.980

AGENTES:
TELEPHONE N. 2.965

93 - Rua da Assembléa - 93

RIO DE JANEIRO

Leiam com toda a attenção e guardem este quadro

A SOCIÉTÉ ANONYME DU GAZ, a todo aquelle que no seu escriptorio á rua da Assembléa n. 93, apresentar este quadro, occupados os claros pela serie de 20 coupons, reducção dos desenhos que começam hoje a ser publicados na *Careta*, brindará com excellente fogão «Gaz — Rio n. 1»

Os coupons são encontrados nas caixas de phosphoros marca ***BRILHANTE.***

QUEM LEVA AO EXTREMO RIGOR

Os cuidados Hygienicos de sua casa

não bebe nem dá a beber agua que não seja fervida e depois filtrada

Só assim se póde ter absoluta certeza da pureza de uma agua

Obedecendo a esse rigor, uma dona de casa não póde ter confiança nas aguas gazosas naturaes ou artificiaes compradas em garrafas.

O recurso unico, exclusivo, é ter em casa um

Siphão "Prana" Sparklets

para gazeificar a agua previamente fervida e filtrada.

Eis porque é indispensavel o uso do SIPHÃO "PRANA" SPARKLETS em toda casa de familia onde haja extremos escrupulos hygienicos.

A VENDA EM TODO O BRAZIL

REDACÇÃO E OFFICINAS: RUA DA ASSEMBLÉA, 70 — RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURAS
ANNO . . . . . 15$000 | SEMESTRE . . . . 8$000

NUMERO AVULSO
CAPITAL . . . 300 Rs. | ESTADOS . . . . 400 Rs.

EDIÇÃO DE "KOSMOS"

N. 181 | RIO DE JANEIRO — Sabbado — 18 — Novembro — 1911 | ANNO IV

DR. J. CHARDINAL

Dr. J. Chardinal

O Dr. J. Chardinal, medico especialista em molestias de olhos e garganta, occupa uma sabia poltrona na Academia Nacional de Medicina e dirige, como chefe acatado com respeito alacre, os serviços dos gabinetes opthalmologicos do Hospicio, na melancholica praia da Saudade, e da Associação dos Empregados do Commercio, na rumorosa elegancia da Avenida Central.

Violando as justas normas impostas pelo santo dever egoistico de ganhar facilmente a vida, aos clinicos e todos os profissionaes modernos, cultiva a virtude sentimental da generosidade e todos os dias, com a pontual infallibilidade de um papa, entre o saboroso café matutino e o farto almoço meridio, recebe os seus numerosos clientes pobres, dos quaes apenas exige, como remunerativa paga da consulta, uma submissa obdiencia aos seus acertados preceitos.

Aos domingos, emquanto o protestantismo, numa roborante ociosidade preguiçosa descança a cabeça adormecida sobre as paginas fechadas da Biblia e todas as outras religiões oram aos deuses e esquecem os humanos padecimentos, o Dr. Chardinal, deixando a sua fresca residencia da Copacabana corre apressado á cidade, e vem sarar males operando enfermos.

Tem a mania dos automoveis e adora os cães e já foi visto uma vez, por um doirado entardecer de maio, velocissimamente passar por uma de nossas praias, entre nuvens de pó e ladridos agudos, dentro de um automovel, cercado de caes.

Conhece, com experimentada perfeição, a medicina cirurgica da cabeça e dadas as suas admiraveis qualidades de operador poderia ser um grande, um inexcedivel decapitador.

VOL-TAIRE

INSTANTANEOS

Senhoritas na Avenida Central

O anniversario da Republica

A Republica, filha dilecta de Benjamin Constant, conforme o declarou, em vida do velho e generoso Deodoro, o Congresso Nacional, colheu os espinhos de mais uma rosa no prado, tão pobre de flores e rico de cardos, da sua afadigada existencia.

Encontrou, este anno, na presidencia, o sobrinho do seu primeiro presidente e alongando o olhar pelos horizontes da patria, viu o Acre revolucionado, o Amazonas armando-se contra as pretenções usurpadoras da União, o Pará scindido em grupinhos de avidos politicoides, o Maranhão decahido da sua brilhante tradicção litteraria, o Piauhy representado no Senado por um coronel Gervasio, o Rio Grande do Norte depauperado, o Ceará sugado por uma olygarchia de incapazes, a Parahyba sumida numa exhaustiva modorra, Pernambuco ensanguentado, Alagôas cortejando as esporas de um coronel, Sergipe commandado quarteleiramente por um general, a Bahia corrompida por um ministro, o Espirito Santo transformado em feudo da Igreja de Roma, o Estado do Rio sob o dominio de homens que mudam de partido com mais presteza do que mudam de camisas, a Capital Federal desprestigiada na pessoa dos seus juizes, S. Paulo ameaçado de intervenção, o Paraná em lucta contra Santa Catharina, o Rio Grande do Sul esmagado pela caudilhagem, Matto-Grosso sem leis, Minas Geraes alimentando uma olygarchia e Goyaz esquecido na placidez do abandono.

E depois de ter contemplado essa vasta patria em cuja vasta superficie tomba esboroada a obra dos estadistas do Imperio, a Republica ageitou a sua linda toga civica, poz á banda o barrete vermelho dos libertos e correu entontecida para as ruas, onde recebeu as continencias marciaes do Exercito e da Armada, em nome do povo ainda bestialisado.

Epitaphio Gaucho

Debaixo deste rico mausoléo,
Onde um gallo marmoreo
Medita merencoreo,
Descança para sempre um figurão,
Que mandava na terra e até no ceu
E achava delicioso o chimarrão;
Mas, apezar de forte,
E bordados possuir de general,
Veiu a hora fatal
E elle cedeu ás injuncções da Morte.

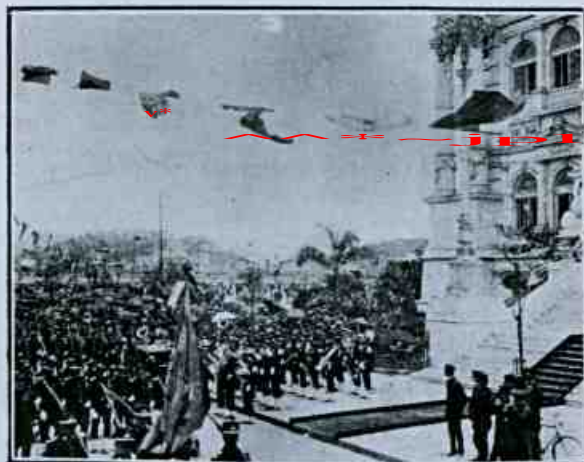
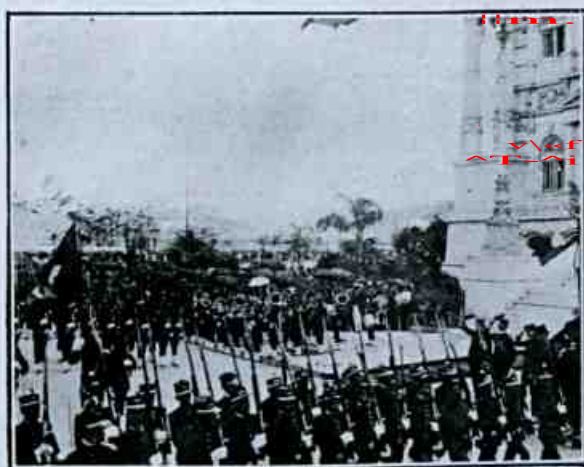
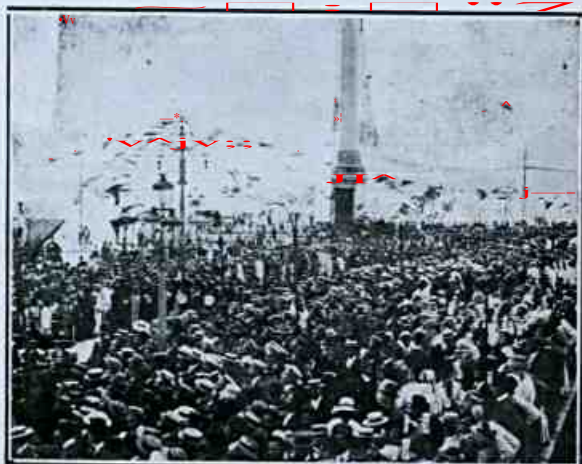
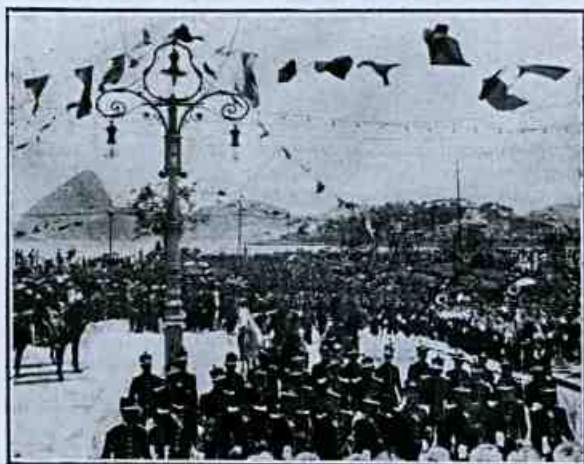
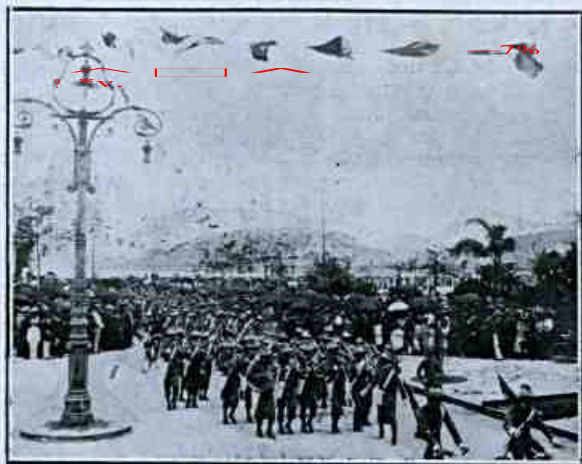
JEAN GRIMACE

O Antono Lemos embarcou para cá. Que diabo virá fazer o velho *tuchána*? Justamente agora nos refere um telegramma do Pará que o exame das contas da Intendencia revelou que á *Provincia do Pará*, jornal do velho, foram adiantados por varias vezes, obra de mil e quinhentos contos de réis.

Virá o Lemos restituil-os?

O 15 de Novembro

Recepção dos officiaes do cruzador francez "D'Estrées" no palacio do Cattete.

O 15 de Novembro

A parada. — Exercito, policia militar, guarda nacional e sociedades de tiro.

O Sr. Garção Stockler — Um dos problemas mais trancendentes que se deparam ao legislador, é por sem duvida, Sr. presidente, o magno e palpitante de actualidade e contemporaneidade, do julgamento dos infelizes que cahem sob a espada inexoravel da justiça, que ha de pesar as suas culpas na balança fidedigna de equidade! *(Apoiados)* Sim, Sr. presidente, de ha muito vem, publicistas e sociologos, escriptores de monta e folliculários de gazetas, reclamando contra o estado miserando, a que está entre nós reduzida a liberal instituição do Jury, essa conquista do direito hodierno, que como o *habeas-corpus* nós devemos á revolução ingleza que obrigou o Rei João a firmar a Magna Carta...

O Sr. Francisco Bressane — Muito bem. V. Ex. tem toda a razão.

O Sr. Garção Stockler — Pois bem, Sr. presidente, adoptado por nós esse liberal instituto, o que aconteceu? Desde os primeiros tempos da vida constitucional da Nação, desde os ominosos tempos do primeiro imperio em que o truculento filho de Carlota Joaquina com o vigor impetuoso dos seus verdes annos empunhou as redeas do governo, vem-se avolumando as queixas contra o Jury! *(Muitos apoiados)* E porque, Sr. presidente! Porque os Srs. representantes da nação? *(Pausa)* Porque o uso, Sr. presidente, foi pouco a pouco gastando as molas desse machinismo social, a ferrugem dos abusos atacou-lhes os tubos de condensação do vapor justiceiro, sem que lhe acudissem a tempo com os lubrificantes dos correctivos necessarios! *(Sensação prolongada).*

O Sr. Aggripino Azevedo — V. Ex. está prestando um *revelante* serviço ao paiz dissecando esse instituto venerando.

O Sr. Garção Stockler — Mas venerando porque? Porque é velho? Eu então direi a V. Ex. que nem tudo o que é velho merece respeito. *(Sensação)* Se assim fosse não haveria progresso, Sr. presidente, porque o progresso é justamente a substituição das coisas velhas por novas coisas.... Se tudo o que fosse velho fosse respeitavel como haveriamos de corrigir esses velhos *peti-mtres* que por ahi andam nos bonds e nos cinematographos a bolinar as senhoras que andam sós? *(Sensação profunda)* Não extranhem os Srs deputados que eu traga semelhante exemplo que pode parecer, mas não é, descabido; não o é Sr. presidente, porque foi justamente o que mais me impressionou quando os azares da politica me trouxeram do villarejo provinciano onde resido, a este centro magno de civilisação e cultura, ver esses homens cobertos de cans veneraveis entregarem-se ao mais desabusado trabalho de conquista, proprio antes dos verdes annos. Homens que poderiam ser avós, Sr. presidente, eu vi, (e com que profunda indignação não preciso dizer) perseguindo incautas donzellas em salas obscuras onde a gente vae apreciar as trepidantes scenas da vida real desenroladas no alvo panno por meio de uma lanterna projectora! *(Sensação profunda)* Mas não é disso que eu quero tratar, não foi a immoralidade da vida cidadã que me trouxe presentemente á tribuna. E' possivel que mais tarde ainda me occupe com semelhantes factos. Por agora porém prosigamos com a questão do Jury.

O Sr. Manuel Fulgencio — Apoiado. Essa é que é a questão.

O Sr. Garção Stockler — Actualmente se constitue o Jury por meio de sorteio e doze cidadãos se encarregam de, mettidos no fundo de uma sala secreta, em meio de conversas, julgar da innocencia ou culpabilidade dos seus semelhantes. Ora, Sr. presidente, todo o mundo sabe que esses doze cidadãos, ou pelo menos onze dentre os doze nada fazem! *(Sensação prolongada).* Emquanto um rabisca ás pressas a resposta aos quesitos, os outros se juntam a um canto e começam a narrar episodios de caçadas ás onças e aos caetetús, ás pacas e aos veados, aos tatús e aos quatys...

O Sr. Pereira Braga — Não apoiado. Em geral os nossos jurados não caçam senão as pulgas em casa. Aqui no Rio não ha desses bichos pode ficar V. Ex. certo. V. Ex. está se fazendo echo de uma calumnia de certos viajantes europeus e argentinos! *(Vivos applausos).*

O Sr. Garção Stockler — Eu não particularisο, falo geralmente.

O Sr. Pereira Braga — Pois deve fazer uma excepção para a Capital Federal. Aqui os jurados não conversam sobre episodios de caçadas como os da sua terra.

O Sr. Garção Stockler — Pois sim, tambem não só os episodios venatorios fórmam o fundo dessas palestras; tambem falam da vida alheia....

O Sr. Pereira Braga dá um aparte.

O Sr. Garção Stockler — V. Ex. está hoje muito intolerante. Em todo o caso o que fica provado é que um é o julgador, os outros assignam de cruz. *(Apoiados e protestos)* E porque isso, Sr. presidente? Porque a funcção de jurado é gratuita, só por isso. Se os jurados tivessem um subsidio, como nós, ninguem se esquivaria ao serviço, os caçadores iriam fazer suas caçadas, os mexeriqueiros continuariam na sua bisbilhotice e o Jury readquiriria o perdido prestigio. *(Apoiados).*

Por isso eu proponho á Camara, Sr. presidente, que o cargo de jurado seja retribuido pelos cofres publicos, lançado um imposto sobre todos os presos para cobrir essa despeza. Como o Jury funcciona justamente para julgar esses prezos, nenhum reclamará, estou certo. E dito isto, Sr. presidente, dou por concluida a minha tarefa e retiro-me convencido de haver prestado um util serviço ao meu paiz: *Utile dulci!*

Tenho concluido.

(Bravos, palmas, no recinto e nas galerias. O orador é vivamente cumprimentado por varias pessoas de suas relações).

Ferrolho

Do Sr. almirante Alves Camara recebemos um exemplar da obra que vem de publicar — *A pesca e peixe na Bahia*, contribuição do notavel marinheiro para a solução do problema que tanto preoccupa hoje o illustre titular da pasta da agricultura a organisação da pesca no Brasil.

Gratissimos.

INSTANTANEOS

Fazendo Avenida

No palacio do Sr. Gaffrée, entre amigos queridos e convivas alegres, commemorava-se com intimidade o regresso do Sr. Guinle, que andara a villegiaturar por S. Paulo. O nobre viajante, com amabilidade risonha e palavra facil, resumio as novas impressões da sua nova viagem, que são as mesmas, velhissimas, das suas anteriores excursões atravez do prospero Estado.

— Dize-nos alguma novidade, que as cousas que nos contaste são nossas velhas conhecidas, pedio o Sr. Gaffrée, quando o viajante encerrou a narrativa.

— Não gosto, disse o Sr. Guinle, de tratar de politica e a unica novidade que trago, si outro, antes de mim, não a espalhou por aqui, é politica.

— Uma novidade politica! Pois sabes uma novidade politica e queres guardal-a egoisticamente comtigo?! Não! Não consentimos. Desembucha, Guinle.

— E' a loucura do Rodolpho Miranda!

Ergueram-se, pasmados, os circumstantes:

— O Rodolpho Miranda! O capitão! O ex-ministro! Louco! Será possivel! Hom'essa!

O Sr. Guinle retomou a palavra e singelamente contou:

— Sim, meus amigos, o Rodolpho está louco. Foi á hora do jantar, perante numerosas pessoas, que se manifestou a loucura.

— Continúe! Continúe!

O Sr. Guinle continuou:

— Comia-se, conversando. Alguem alludio á futura presidencia de S. Paulo. Nesse momento, o Rodolpho, que presidia a mesa, arregalou furiosamente os olhos, ergueu-se num pulo e bradou:

— Eu não sou o Presidente de S. Paulo, eu sou o Rei do Brasil, o Rei do Brasil, o Rei, o Rei!

Entre noivos por amor:

— Olhe, José, quando nos casarmos, iremos habitar em Copacabana.

— Talvez não seja possivel. O teu pae soffre dos olhos e não vae querer mudar-se para lá por causa da areia.

DESGRAÇA

Eu já pude viver muito contente,
Sem dores, sem tormentos, sem pezares.
Mas vi-te um dia. E, desgraçadamente,
Fiquei logo, por ti, bebendo os ares.

Emtanto em paga desse amor ingente
Tu me desprezas... Por me desprezares
Tenho soffrido, como pouca gente,
Mil torturas sem par e mil azares.

Apezar dos pezares, inda espero
Que um dia acceitarás o amor sincero
Do teu tristonho e desgraçado poeta.

E se esse nosso amor toma incremento,
Si tudo isso termina em casamento...
Minha desgraça fica então completa.

RENATO LACERDA

6, Novembro, 1911.

— Qual é o caminho mais curto entre dois pontos?

— E' o o que percorremos quando nos persegue um credor.

INSTANTANEOS

Senhoritas atravessando a Avenida Central

Pelo que tu mais queiras!

O cotillon havia terminado, e Ernesto, fatigado da festa seguia o costume muito vulgar dos convivas discretos, tinha deixado Julia sua noiva presumpçosa, entre um grupo de amigas que faziam a chronica mundana n'um angulo do salão, para se refugiar n'uma sala de fumar.

Tirou, pois, um cigarro, accendeu-o e começou a passear, projectando planos de felicidade futura com a sua noiva.

Não tinham ainde decorridos dois minutos, quando, sentiu o "frou-frou" d'um vestido, e assomou Julia radiante de belleza e felicidade.

— Que fazes aqui?—interrogou ella, sorrindo, a seu noivo.

— Estás vendo: fumo um cigarro.

— Bonito rival!

— Como?

— Pois deixas-me, alli, entre aquelle grupo de murmuradeiras tolas e triviaes, para vires chupar essa asquerosidade e encher isto de fumo. — E ao mesmo tempo que dizia isto, abria uma fresta de janella.

— Não quero que fumes! proseguiu ella n'um doce tom.—Já te disse varias vezes; é o mesmo que tivesse fallado com um pedra.

— E' porque tu não me queres.

— Eu não te quero?... Ah! Queria-te muito mais se não fumasses.

— Tenho que ter a certeza d'esse amor para fazer este sacrificio...

— Vicio.

— Não; paixão.

— Não vês? Tens paixão pelo cigarro, e por mim...

— A ti adoro-te!

— Prova-m'o, deixando...

— Não; prova-me tu, primeiro, o teu amor.

— Porém, de que modo?

— Jura-me que me amas sobre todas as coisas...

— Porém isso é do "Eu peccador".

— Deixa-te de troças e faz o que te digo. Jura-me pelo que mais queiras...

— Pois bem, juro-o por ti...

— Depois de mim?

— Depois de ti? Ah!... Espera.

E sahiu correndo voltando d'alli a instantes com um objecto nas mãos.

— Disseste-me que te jure pelo que mais queira... depois de ti... não é isso?

— Sim.

— Pois juro-t'o por este sabonete de Reuter...

— Como! Depois de mim, o sabonete!...

— E o que queres melhor, que um bom sabonete de Reuter? Nunca te lavaste com elle?

— Não.

— Pois fal-o, e verás que suavidade, que prazer, que delicia!

Se te barbeias, nunca encontrarás uma espuma tão delicada e fresca.

A tua cutis (que não é má), não sentirá com ella, as asperezas e ardores de que em geral se queixam vocês quando raspam a cara com a navalha.

Se lavas com o sabonete de Reuter os cabellos, acharás alguma coisa de milagroso, parecendo que se transformaram em seda. Se te banhas com o sabonete de Reuter, julgarás ter entrado em um d'aquelles banhos de leite dos quaes dizem que Ninon de Lenclós gostava immenso.

E olha... ou melhor: ouves... Onde sentiste um perfume mais agradavel e distincto que este? Aviso-te que o perfume do sabonete de Reuter se torna verdadeiramente maravilhoso, quando se dissolve na agua. Então não somente o corpo fica saturado com este aroma de flores, como derrama por toda a casa uma verdadeira atmosphera de aromas orientaes.

Crês-me agora?

— Já te creio... Porém dá-me esse ditoso sabonete de Reuter que chegaste aos teus labios. Conservarei este constantemente perto de mim, pois o seu perfume tambem me fallará de tua belleza. E agora olha: para sempre! — e deitou o cigarro pela sacada fóra...

O 15 de Novembro

Recepção dos officiaes do cruzador oriental Uruguay pelo marechal presidente.

Epitaphio Clerical

Este que aqui repousa
Foi na vida terrena muita cousa,
Mas andou sempre ás tontas,
Porque tinha um trabalho extraordinario
E não largava as contas
De um immenso rosario.
Falleceu de paixão,
Por não poder fazer da Detenção
Um severo convento de verdade
E cada preso transformar num frade.

JEAN GRIMACE

O Sr. Arthur Orlando, famoso presidente *manqué* da Companhia Equitativa, é homem de cuja integridade de caracter ninguem ousará duvidar.

Por longos annos, gozando de uma rendosa cadeira de deputado, S. Ex. entendeu que á prosperidade de Pernambuco era convinhavel o predominio politico do Sr. Rosa e Silva, em nome de cujo partido veio para a Camara.

Agora, vendo o Sr. Dantas Barreto levantar-se meio victorioso com o apoio de bayonetas facciosas, o Sr. Arthur Orlando heroicamente abandona os seus amigos.

Não se trata, porém, de uma vil traição. Com a rija austeridade que todos lhe reconhecem o Sr. Orlando vai resignar o mandato que recebeu do partido chefiado pelo Sr. Rosa e Silva.

Epitaphio Bahiano

Como este que aqui dorme o somno eterno,
Poucos terão sabido ser cacetes;
Seus inditosos pares,
Que em surdina o mandavam para o inferno,
Devem ter dado opiparos jantares
E soltado foguetes,
Quando a grata noticia lhes chegou
De que, pé ante pé,
Um bello dia a Morte o apanhou
Espiando a maré.

JEAN GRIMACE

Celebra-se hoje, ás quatro horas da tarde, no Pavilhão Avenida, uma reunião de caricaturistas e poetas e prosadores do *humour* com o fim de accordar nos meios de desencavar e atirar de novo á circulação o Sr. Barão de Patchouly, outrora Ataulpho Napoles de Paiva.

O 15 de Novembro

Dom Julio Fernandez, ministro argentino, e os officiaes do cruzador "Nueve de Julio" no palacio do Cattete após a recepção do marechal presidente.

A MÃO MYSTERIOSA

Fazia-se circulo em volta do Sr. Bermutier, juiz de instrucção, que dava a sua opinião ácerca do crime mysterioso de Saint-Cloud. Havia um mez que aquelle inexplicável crime alvoroçava Paris. Ninguém podia perceber nada do caso.

O Sr. Bermutier, de pé, costas para o fogão, falava, amontoava provas, discutia as diversas opiniões, mas não chegava a uma conclusão.

Muitas mulheres se haviam levantado para se approximarem d'elle e quedavam de pé, o olhar fixo na bocca rapada do magistrado, de onde sahiam palavras graves. As senhoras estremeciam, vibravam, crispadas por um medo curioso, pela ávida e insaciavel necessidade de pavor que é inseparavel da sua alma e que as tortura como uma fome.

Uma dellas, mais pallida que as outras, pronunciou durante o silencio :

— É pavoroso ! Toca ás raias do sobrenatural.

Nunca se virá a saber coisa alguma.

O magistrado voltou-se para ella :

— Sim, minha senhora, é provavel que nunca se venha a saber nada. Quanto á palavra sobrenatural, que acaba de empregar, não é em nada chamada para o caso. Estamos em presença de um crime habilissimamente concebido, habilissimamente executado, tão bem envolvido no mysterio que não podemos separal-o das circumstancias impenetráveis que o rodeiam. Mas, eu proprio já tive, outr'ora, de seguir um processo onde em verdade parecia haver qualquer coisa de phantastico. Foi preciso abandonal-o por falta de meios para o esclarecer.

Umas poucas de mulheres pronunciaram ao mesmo tempo e tão depressa que as suas vozes apenas pareciam uma só voz :

— Oh ! conte, conte, Sr. Bermutier.

O Sr. Bermutier sorriu gravemente, como deve sorrir um juiz de instrucção, e tornou :

— Não vão julgar, pelo menos, que eu haja podido suppor na aventura que vou contar, qualquer coisa de sobrehumano. Eu não creio senão nas coisas normaes. Mas se, em vez de empregarmos a palavra «sobre-natural» para exprimirmos aquillo que não comprehendemos, nos servíssemos simplesmente da palavra «inexplicável», isso valeria muito mais. Em todo o caso, no processo a que vou referir-me, foram sobretudo as circumstancias que o revestem, as circumstancias preparatorias que me commoveram. Emfim, vejamos os factos :

Eu era então juiz de instrucção em Ajaccio, uma cidadesinha branca, deitada na margem de um admiravel golfo rodeado por todos os lados de altas montanhas.

O que eu tinha sobretudo a fazer ali, era tratar de um processo por vingança. Ha processos desses, que são soberbos, o mais dramaticos possivel, são ferozes, são heroicos. Encontram-se nelles os mais bellos assumptos de vingança que se possa sonhar, odios seculares, apaziguados num momento, nunca extinctos, manhas abominaveis, assassinatos que tomaram o corpo de verdadeiros massacres e de quasi acções gloriosas. Havia dez annos que eu não ouvia falar senão da pensão de sangue, desse terrível preconceito corso, que força a vingar toda a injuria feita a qualquer pessoa sobre o que a fez, por um dos mais proximos parentes do offendido.

Eu vira processos em que se tinha estrangulado velhos, creanças, donzellas, e tinha a cabeça cheia dessas historias tragicas.

Ora, certo dia, soube que um Inglez acabava de alugar por alguns annos uma pequena villa no fundo do golfo. Levava comsigo um creado francez, que tomara em Marselha ao passar ali. Não tardou que toda a gente se occupasse d'aquelle personagem singular, que vivia só no seu domicilio, apenas sahindo para caçar ou para pescar. Não se dava com pessoa alguma e a ninguém falava, nunca vinha á cidade, e, todas as manhãs se exercitava durante uma ou duas horas no tiro de pistola e de carabina.

Crearam-se logo lendas em volta delle. Pretendia-se que era um alto personagem que emigrara da sua patria por causa de certos casos politicos ; outras vezes affirmava-se que se occultava por ter commettido um crime horroroso. Chegavam mesmo a citar circumstancias particularmente horríveis.

Na minha qualidade de juiz de instrucção, quiz tomar algumas informações a respeito d'aquelle homem ; mas foi-me impossivel saber fosse o que fosse. Dizia elle chamar-se sir John Rowell.

Contentei-me pois em vigial-o de perto ; mas nada consegui apurar em realidade, de suspeito, relativo áquelle personagem.

Todavia, como os rumores sobre a sua historia continuavam, engrossavam, se tornavam geraes, resolvi tentar eu proprio ver aquelle estrangeiro, e puz-me a caçar regularmente nas cercanias da propriedade que elle habitava.

Esperei muito tempo uma occasião. Esta, apresentou-se-me um dia, sob a forma de uma perdiz a que atirei e que matei em presença do Inglez. O meu cão trouxe-m'a ; mas mal agarrei na caça, apressei-me logo a apresentar as minhas desculpas pela minha inconveniência a sir John Rowell, pedindo-lhe ao mesmo tempo quizesse dar-me a honra de acceitar a ave morta.

Elle era um homem de estatura alta e de cabellos rubros, barba rubra, muito alto, muito espadaúdo, uma especie de hercules pacato e cheio de polidez. Não tinha nada da rigidez ingleza e agradeceu-me solicito a minha delicadeza, num francez accentuado de Alem-Mancha.

Ao fim de um mez, havíamos conversado umas cinco ou seis vezes.

Uma noite afinal, como eu passasse por deante da sua porta, vi que elle fumava o seu cachimbo, escarranchado numa cadeira, no seu jardim. Saudei-o. Elle convidou-me a entrar para beber um copo de cerveja.

Não me fiz de rogado.

Recebeu-me com toda a meticulosa cortezia ingleza, falou elogiosamente da França, da Corsega, declarou que gostava muito d'aquella região, d'aquella costa.

Então fiz-lhe, com grandes precauções e sob a forma de um vivo interesse, algumas perguntas ácerca da sua vida, dos seus projectos. Respondeu-me que tinha viajado muito, em Africa, nas Indias, na America. E accrescentou sorrindo :

— Tenho corrido muitas aventuras, oh ! yes. Depois puz-me a falar de caçadas, e elle deu-me minúcias curiosas sobre a caça ao hippopotamo, ao tigre, ao elephante e até ao gorilla.

Eu disse :

— Todos esses animaes são terríveis.

Elle sorriu ;

— Oh nô, o peior de todos ser o homem.

Poz-se a rir com boa vontade, com um bom riso de Inglez rotundo e satisfeito :

— Eu também ter caçado muito o homem.

Depois falou-me de armas, e offereceu-me a sua casa para mostrar-me espingardas de diversos systemas.

O seu salão era atapetado de negro, em seda preta bordado a ouro. Grandes flores amarellas, como que correndo sobre aquelle estofo sombrio, brilhavam nelle como fogo.

Annunciou :

— Era um panno japonez.

Mas, no meio da mais larga tapeçaria, uma cousa extranha me attrahiu o olhar. Sobre um quadrado de veludo vermelho, um objecto negro destacava-se. Approximei-me : era uma mão, uma mão de homem. Não era uma mão de esqueleto branca e limpa, mas uma mão negra, dissecada, com as unhas amarellas, os musculos a nú e vestígios de sangue antigos, sangue que parecia uma immundicie sobre os ossos cortados cerce, como por um golpe de machado, pelo meio do ante-braço.

Em redor do punho havia uma enorme corrente de ferro, fixa, soldada áquelle membro sordido, ligada a uma parede por um annel tão forte que seria capaz de segurar um elephante.

— O que é isto ?

O Inglez respondeu tranquillamente :

— Isto ser o meu melhor inimigo. Ter vindo da America. Ter sido cortado com o sabre e a pelle arrancada com um seixo cortante, e secco ao sol durante oito dias. Aoh, ser muito bom para mim isto.

Toquei n'aquelle destroço humano que devia ter pertencido a um colosso. Os dedos, desmesuradamente longos, eram ligados por tendões enormes, em parte retidos por correias. Aquella mão era horrorosa de ver, assim esfolada, e fazia pensar muito naturalmente n'alguma vingança selvagem.

Eu disse :

— Este homem devia ser muito forte.

O Inglez com brandura :

— Aoh Yes ! mas eu ser mais forte do que elle. Eu ter posto esta corrente para o prender.

Julguei que elle gracejava e disse :

— Mas esta cadeia agora parece-me bastante inutil, a mão agora já não fugirá.

Sir John Rowell tornou com toda a seriedade :

— Ella querer sempre fugir. Esta corrente ser precisa.

Num rapido olhar interroguei o rosto do Inglez, perguntando a mim proprio :

— Será um doido ou um farçante ?

Mas o rosto de sir John Rowell continuava tranquillo e benevolo. Mudei de conversa e puz-me a apreciar as espingardas.

Notei todavia que havia três «revolvers» carregados sobre os moveis, como se aquelle homem vivesse no constante temor de um ataque.

Voltei muitas vezes á sua casa. Por fim, toda a gente se acostumara á sua presença ; e sir John tornara-se indifferente a todos.

* * *

Um anno se passou, dia a dia. Ora, uma certa manhã, ahi por fins de novembro, o meu creado despertou-me e annunciou-me que sir John Rowell fora assassinado durante a noite.

Meia hora mais tarde, penetrei na casa do Inglez, com o commissario geral e o capitão dos gendarmes. O creado, como louco de desespero, chorava deante da porta. Eu, a principio, suspeitei d'aquelle homem ; mas estava innocente.

Nunca foi possivel encontrar o culpado.

Entrando no salão de sir John vi logo, ao primeiro e rapido olhar, o cadaver estendido de costas, no meio da casa.

O collete achava-se rasgado, uma manga do casaco pendia arrancada, tudo annunciava que se travara ali uma lucta terrivel.

O inglez morrera estrangulado ! O seu rosto, negro e inchado, apavorante, parecia exprimir um assombro abominavel; tinha alguma coisa entre os dentes cerrados ; e o pescoço com cinco buracos que dir-se-iam feitos com pontas de ferro achava-se coberto de sangue.

D'ali a pouco chegava um medico. Examinou por longo tempo os signaes dos dedos na carne e pronunciou estas extranhas palavras :

— Dir-se-ia que foi estrangulado por um esqueleto.

Passou-me um arrepio pelas costas, e preguei os olhos na parede, no logar onde ha tempos vira a horrivel mão mutilada. Já ali não estava. A corrente que a prendia outr'ora, quebrada, pendia ao abandono.

Então baixei-me para o morto, e achei-lhe na bocca crispada um dos dedos d'aquella mão desapparecida, cortado, ou antes serrado pelos dentes, justamente na segunda phalange.

Depois, procedeu-se a averiguações. Nada se descobriu. Porta nenhuma fora forçada, nem janella nem movel. Os dois cães de guarda não haviam despertado.

Eis, em poucas palavras o depoimento do creado : Havia um mez que seu amo parecia agitado. Recebera algumas cartas, que logo queimava.

Muitas vezes, pegando n'um azorrague, com uma cólera que parecia de loucura, batera com furor n'aquella mão dissecada, collada ao muro e levada por fim, não se sabia como, na propria hora do crime.

Elle deitava-se sempre muito tarde, fechando-se com todas as precauções. Conservava sempre armas ao alcance do seu braço. Muitas vezes, de noite, falava alto como se fosse questionado por alguem.

N'aquella noite, por acaso, não fizera ruido algum, e o creado, só quando viera abrir as janellas é que encontrara sir John assassinado. O creado não suspeitava de ninguem. Communiquei o que sabia do morto aos magistrados e aos officiaes da praça publica, e foi feita em toda a ilha uma rigorosa syndicancia. Nada se descobriu.

Ora, uma noite, tres mezes depois do crime, tive um horrivel pesadello. Parecia-me que via a mão, a horrivel mão, correr, como se fosse um escorpião ou uma aranha ao longo das minhas cortinas e das minhas paredes. Tres vezes accordei, tres vezes me deixei dormir e tres vezes vi o horrivel destroço galopar ao redor do meu quarto remexendo os dedos como se fossem patas.

No dia seguinte, trouxeram-me aquella mão, achada no cemiterio, em cima do tumulo de sir John Rowell, que ali fora enterrado por não ter sido possivel saber do paradeiro de sua familia. O dedo index faltava.

Aqui está, minhas senhoras, a minha historia. Nada mais que isto que acabo de contar.

* * *

As mulheres, como loucas, olhavam-se pallidas, e tremiam. Uma d'ellas exclamou :

— Mas isso não é um desenlace nem uma explicação ! Nós não seremos capazes de dormir emquanto nos não disser o que se passou, segundo a sua opinião.

O magistrado sorriu com severidade :

— Oh ! eu, minhas senhoras, vou estragar-lhes certamente todos os seus terriveis sonhos. Penso muito simplesmente que o legitimo proprietario da mão não morrera, que veiu em procura della com aquella que lhe restava. Mas não sei como elle o conseguiu. E' um genero de vingança.

Uma das mulheres respondeu :

— Não, isso não deve ser assim.

E o juiz de instrucção, sempre sorridente, concluiu :

— Eu bem lhes dizia que a minha explicação não as deixaria satisfeitas.

GUY DE MAUPASSANT

INSTANTANEOS

Passeio na Avenida Central

É esse o dentifricio que conquistou o mundo!

A agua dentifricia Odol tem-se effectivamente espalhado em toda a superficie do globo mais do que qualquer outro dentifricio.

A sua venda excede incontestavelmente a de todas as aguas e preparados dentrificios do mundo inteiro.

Não pode haver prova mais irrefragavel da sua superioridade.

O enorme successo do Odol é devido á efficacia particular que possue.

E' o Odol a primeira agua dentifricia que protege a bocca durante horas contra todos os gemens de fermentação e putrefacção que destroem os dentes.

O Sr. Arthur Orlando para justificar a sua deserção citou varios autores illustres e profundamente desconhecidos.

Mas S. S. com isso revelou mais uma vez o seu espirito pratico.

Sempre ha um chinello velho para um pé doente.

Epitaphio jornalistico

O christão que aqui jaz
E cuja morte vos deixou sensiveis,
Era um bello rapaz ;
Vivia só catando
No rosto cousas, bichos invisiveis,
E aquillo o foi minando,
Tanto, que a gente o via emmagrecer.
Elle nunca foi grosso,
Mas no fim já não tinha sinão osso,
De maneira que, quando o examinaram,
Os vermes reclamaram

JEAN GRIMACE

O Rio Grande do Sul tambem vae ter, na pessoa do Sr. General Menna Barreto, actual ministro da Guerra, o seu Dantas Barreto.

Dizem jornaes e telegrammas do Rio Grande do Sul, que diversos grupos castilhistas promovem com muito enthusiasmo e muita esperança a candidatura do General Menna á presidencia do grande Estado.

A numerosa familia Menna Barreto é uma das de mais tradicções e influencia no sul, onde, é força convir, o general possúe amigos e dedicações em grande quantidade.

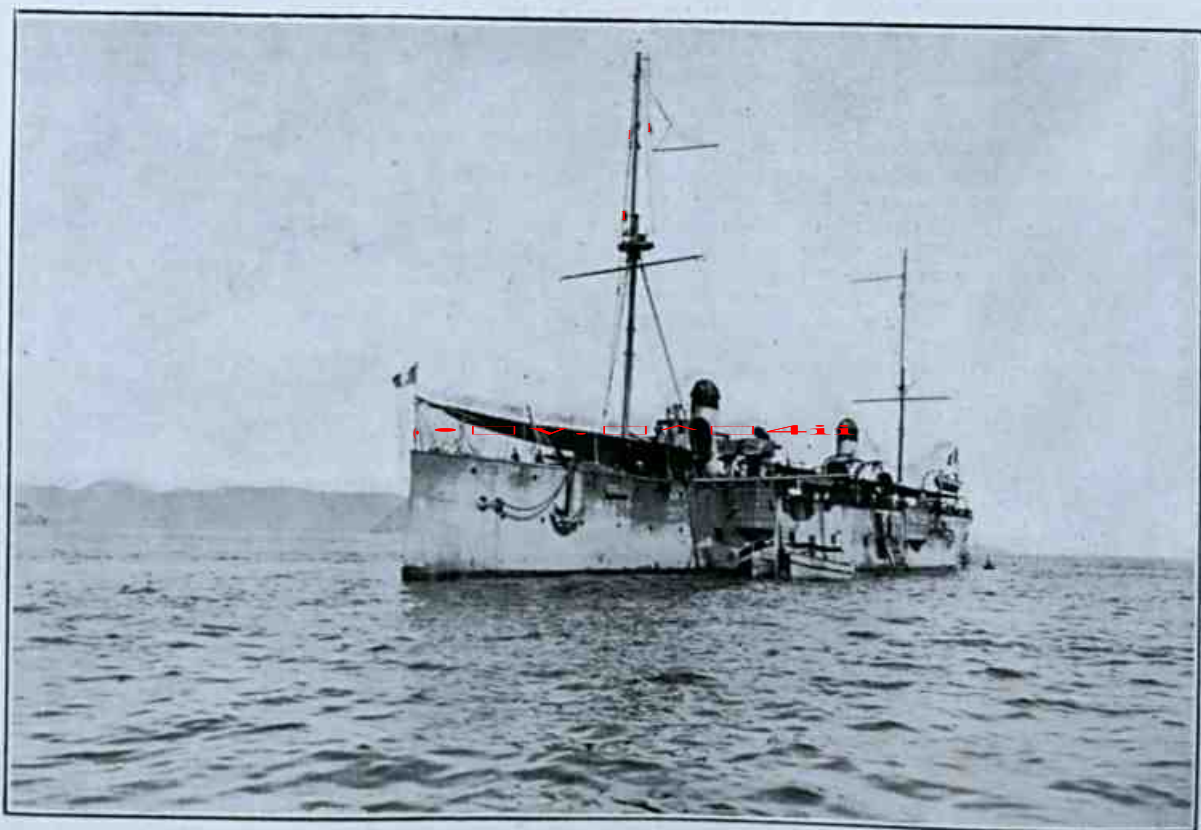
O General Menna Barreto é castilhista, servio contra os revolucionarios e desligou-se do partido quando Castilhos repellio as suas pretenções á presidencia do Estado. Voltando agora ao seu partido, o general volta com as suas pretenções.

Nos ominosos tempos do Imperio, o *engrossamento* era simplesmente, por ser feito com habilidade, lisonja.

Na Republica, o engrossamento tem tido os seguintes synonimos, de accordo com o progresso da moral nos nossos costumes politicos: adulação, archaismo que cahira em desuso, bajulação, idem, agradinho, cocegasinha na nuca, engrossamento, pegar no bico da chaleira, chaleirar.

O Sr. Major Moreira Guimarães, conceituado autor do noticiario carioca do *Diario Popular* de S. Paulo, e futuro autor do bojudo compendio, escripto em linguagem do seculo O, *A Campanha da Mandchuria vista de Tokio*, é candidato a duas victorias, uma na Academia de Letras, outra em Sergipe.

Na Academia não espera um unico voto e não o espera tambem em Sergipe, pois pretende representar a minoria na Camara e no Syllogeu.

O 15 de Novembro

Cruzador francez "D'Estrés".

PELOS THEATROS

PALACE-THEATRE

O feliz successo da Companhia Vitale encheu a semana e vem trazendo á estação desolada de calor a repousante alegria de um pouco de arte e de elegancia. Com as casas cheias as novidades e as *réprises* se succederam marcando época na desastrosa historia do nosso theatro cuja degenerescencia apieda e revolta os mais pacatos.

Um grupo de excellentes artistas recommenda a companhia e conquista a sympathia do publico que entre nós tem exquisitas exigencias e inexplicaveis tolerancias. Felizmente os artistas da Vitale merecem bem o carinho de que o cercam desde o barytono Enrico de Franceschi ao tenor Curti, desde a *signora* Pina Ciotti á *signora* Olympia di Brosio.

O corpo de córos e o das bailarinas são disciplinados e cohesos, conforme o termo de que se serve o nosso amigo Cordeiro, o *Cordão Velho*.

E' o triumpho da operata, a victoria da musica jovial, a consagração da arte alegre de que nós precisamos para o prazer de viver.

NOS INTERVALLOS

Vae-se tomar um refresco, uma cervejinha ou uma sóda. Estas coisas no theatro custam mais cincoenta por cento que cá fóra. Depois é no Palace-Theatre, lugar *chic* onde é de suppor que tudo é bom. Ah! infelizmente não! O botequim do Palace é execravel, é um kiosque a que falta o café com pão e o «dois com gomma». No *promenoir* e cá fóra, sob arvores vulgares e tristes, ha umas mesas horriveis e umas cadeiras de balanço que tiram o appetite ao freguez e rasgam as saias das damas sentimentaes.

Quanto custaria á empreza Alonso uma reforma no material e a remoção do entulho do botequim?

Pouca coisa que até podia ser feito por subscripção entre os espectadores. Em lugar visivel na entrada a empreza collocaria uma caixa de charutos vasia com o letreiro: *Para a reforma do botequim.* Era um successo; em tres espectaculos a empreza, onde ha gente que conhece o conforto e o *chic* do Municipal, a ella arrendado, arranjaria o bastante para acabar com aquelle kiosque.

OS NACIONAES

Em que ficará a palpitosa questão dos theatros por sessões que os nossos artistas inventaram e agora lhes tira o somno? Prevendo os acontecimentos chegaremos a um resultado maravilhoso; organisam-se aqui vinte ou trinta companhias e invadem-se com ellas as principaes cidades estrangeiras com a novidade dos *arreglos* e das sessões.

Dar-se-á com os povos e as nações o mesmo que comnosco, implanta-se o alarma nas platéas e nos centros artisticos, até que as potencias intervenham em favor dos respectivos artistas nacionaes. E' facil de ver que teremos uma conflagração européa, asiatica e americana; annos de guerra, saques, incendios, devastações e ruinas cobrirão o mundo até que a paz volte de novo a reinar entre os homens. Então a questão será submettida ao Tribunal de Haya e os artistas saberão como proceder sempre que vierem ao Rio companhias portuguezas explorar o theatro por sessões, os arranjos e as fitas falantes dos cinemas, dos circos e das barracas da grande feira carioca.

Como se vê a coisa é de uma simplicidade commovente.

CAFÉ-CONCERTO

Prepara-se um no High-Life Club que está passando por uma reforma. E' o que consta, porque aqui no Rio, terra luminosa da hypocrisia, os cafés-concertos se organisam *en cachette*, para não irritar o burguez, não offender o gentilismo senhoritico e não desvairar o donzel casadoiro que se destina á funcção publica emquanto namora as creadas do bairro. E' assim que em silencio se organisam os cafés-concertos e em silencio, medrosamente, pudicamente elles vivem e morrem por aqui. Emquanto não se acabar com essa furiosa crise de moralismo aldeão, não se saberá da existencia dos *music-halls* e dos *cabarets* artisticos.

Póde ser que no *Mignon-Concerto* do High-Life Club tenhamos algumas noites agradaveis após tantas perdidas em pensamentos máos...

CINCO PEÇAS

As cinco peças originaes brasileiras escolhidas pela Academia para serem levadas á scena no Municipal estiveram muito tempo escondidas em baixo de uma arvore do terceiro canteiro do lado esquerdo do jardim de Academus, hoje transformado em esplendido capinzal no fundo da antiga Maternidade da Lapa entregue ao Syllogeu para deposito de livro e pantheon de genios vivos.

Descobertos por um tatú que procurara um poetico refugio naquellas sombrias paragens, foram entregues á artista Nina Sanzi que os levou a Paris, ficando ahi entregues a um alfarrabista conhecido e depositados no cofre de Mme. Therese Humbert com a thiara de Saitapharnés, os milhões de Crawford e os diamantes do Sr. Lemoine.

E' tudo quanto se sabe a respeito.

CONDE DE LUXO EM BURGO

Na Camara:

— A força policial de S. Paulo é uma ameaça a integridade da patria.

— Por que?

— Porque impede a intervenção em favor do P. R. C.

A' maneira dos antigos despotas das éras pagãs, que andavam cercados de oraculos, adivinhos e feiticeiros, o Sr. General Pinheiro Machado não dá um passo sem consultar o feiticeiro Mucio Teixeira.

Tendo tão supersticiosa predilecção por essa especie de gente, o insigne General bem póde exercer a sua influencia em favor de Lourença Maria da Conceição que está enferma em virtude da carga de páo que lhe valeram as suas bruxarias contra Firmino Antonio, da Travessa S. José.

— Então o Felinto de Almeida deixou de exercer o logar de Thesoureiro da Academia?

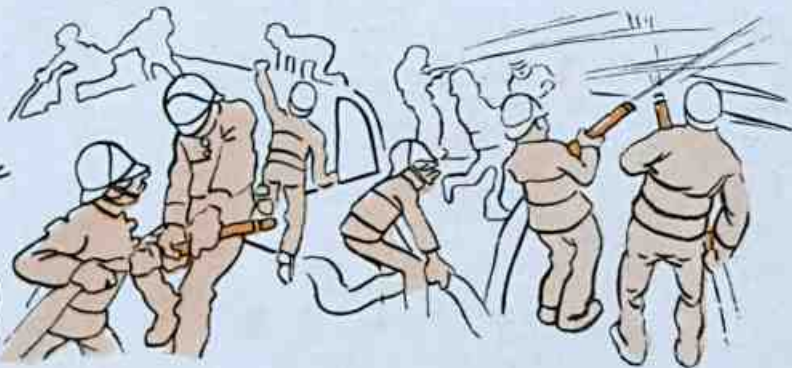
— E' exacto. Deixou-o.

— E agora qual é a sua funcção entre os homens de lettras?

— E' a de titular honorario.

Brocoió e suas desventuras

(Continuação)

1 — Brocoió e Paudagua, espetados no para-raio, continuavam a pedir soccorro.

2 — Os valentes soldados do corpo de bombeiros escalaram os telhados das circumvisinhanças

3 — e sem mais preambulos empunharam as mangueiras e foi um diluvio aterrador.

4 — Brocoió, atravessado pela haste do para-raio, não podia fugir aos esguichos violentos e, por cumulo de azar, havia agua em abundancia.

5 — Só depois de um banho ás direitas foi que um dos bombeiros percebeu que não se tratava de um incendio e suspendeu os esguichos.

6 — A noticia chegou ao commandante do corpo e o corneta tocou retirada.

7 — Um guarda civil correu então á chave-cidadão e pediu os soccorros da assistencia que

8 — não se fez esperar. Em poucos minutos chegava o misericordioso automovel da cruz vermelha.

9 — E, pela primeira vez, um medico foi visitar um doente em cima de um telhado.

(Continúa)

Molestias Broncho-Pulmonares

O Phospho-Thiocol Granulado de Giffoni

é o melhor tonico reparador nas affecções dos bronchios e dos pulmões, elle actua não só pelo **gayacol** como pelas **combinações sulfurosa** e **phospho-calcarea** que encerra e é muito efficaz na **fraqueza pulmonar**, nas **bronchites, bronchorréas, tosses rebeldes, tuberculose pulmonar** aguda e chronica, na **debilidade organica,** no **rachitismo,** nas **convalescenças** em geral, e especialmente na **convalescença** da **influenza,** da **pneumonia,** da **coqueluche,** e do **sarampo.** — Restaurador pulmonar de grande valor, o ***Phospho-Thiocol*** de Giffoni tonifica o organismo de modo a fazel-os resistir á invasão do bacillo de Kock e extermina este quando já ha contaminação. Agradavel ao paladar, pode ser usado puro ou no leite, cujo sabor não altera.

Do illustre clinico, o Sr. Dr. Castro Peixoto, recebemos a seguinte carta de casos de sua observação pessoal:

"Illm. Sr. Pharmaceutico F. Giffoni.— Ha cerca de um anno que prescrevo o seu preparado — *Phospho-Thiocol-granulado* — tanto aos adultos como ás creanças. Tenho verificado os bons effeitos que os doentes experimentam com o uso desse medicamento, o qual tem a grande vantagem de ser perfeitamente bem tolerado por todas as pessoas, mesmo pelas que são rebeldes a qualquer therapeutica. E' longa a série de preparados pharmaceuticos tendo por base o creosoto, o gayocol, o creosotal, etc, de que lançamos mão diariamente na clinica, mas o *Phospho-Thiocol de Giffoni* já por seu valor therapeutico, já por ser accessivel a todos os paladares, occupa sem duvida lugar saliente no tratamento das *moléstias do apparelho respiratório* que exigem o emprego daquellas substancias. D'entre as moléstias em que prescrevo com mais frequencia o seu preparado, citarei — o *catarrho bronchico,* quer da *bronchite simples* nos adultos e crianças, conseqüente ou não ás febres eruptivas, quer na *bronchite dos tuberculosos,* na *bronchorrea,* etc.

Rio, 18 de Fevereiro de 1906. — *Dr. Castro Peixoto.*

Encontra-se nas boas pharmacias e drogarias desta Capital e dos Estados e no deposito geral:

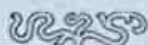
Drogaria de Francisco Giffoni & C. — 17, Rua 1º de Março, 17 — Rio de Janeiro

---

CURA ASSOMBROSA!!

Com o ELIXIR DE NOGUEIRA do Pharmaceutico e Chimico João da Silva Silveira

Approvado pela Directoria Geral de Hygiene — Premiado com Medalha de Ouro

Grande depurativo do sangue!! Unico que cura a syphile!!

Tem seu Attestado

NA

Voz do Povo

Milhares de Curas!!

Milhares de Attestados!!

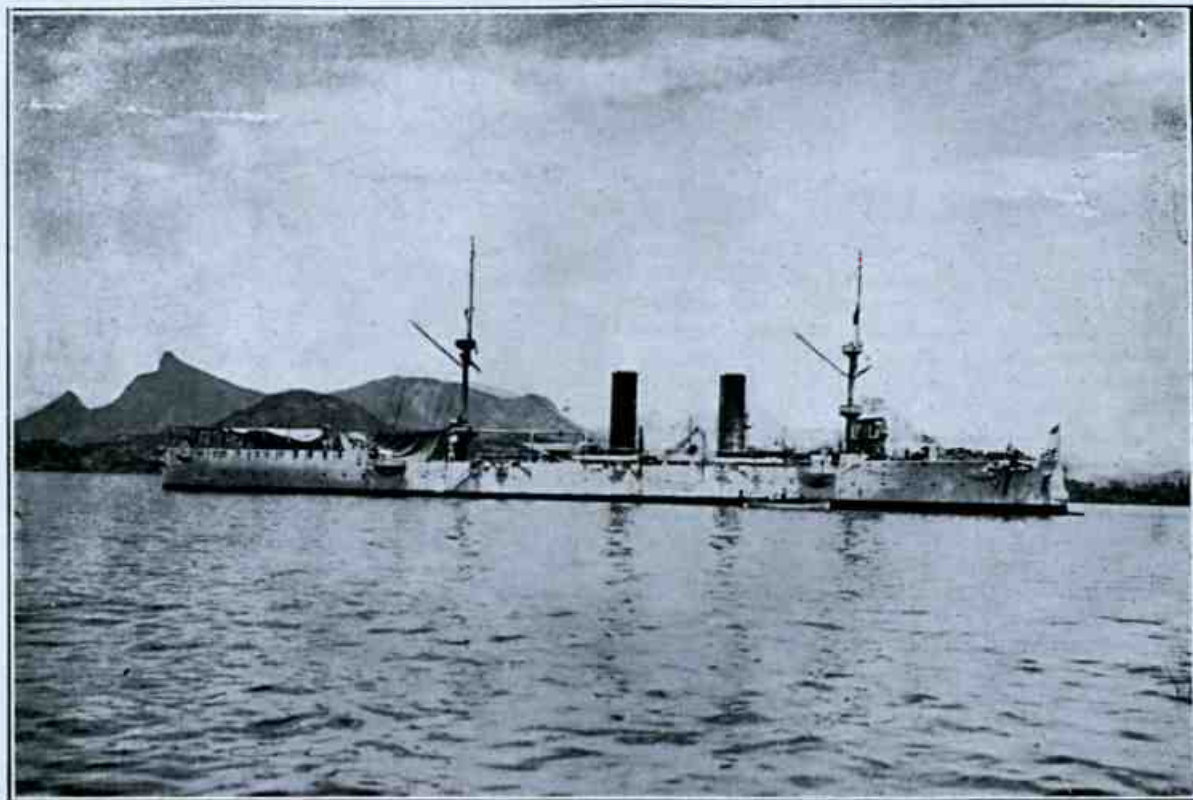
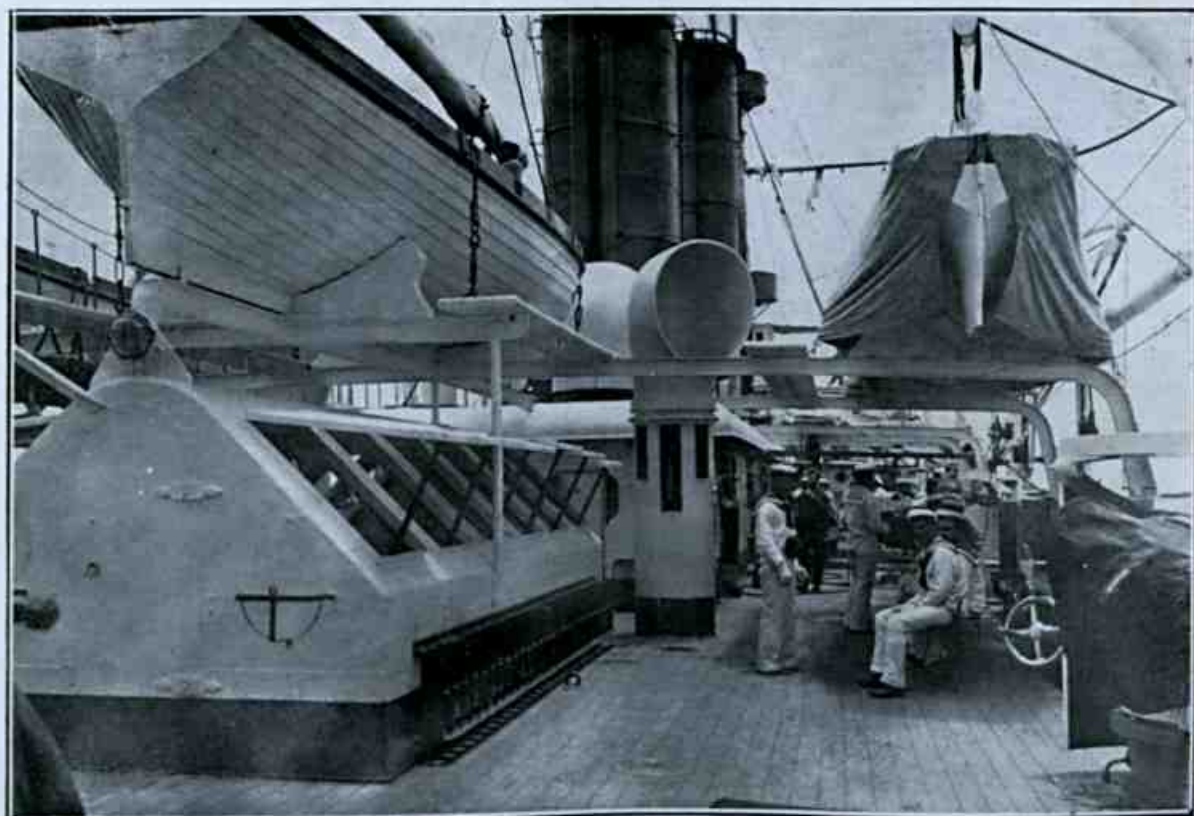
UNICO DE GRANDE CONSUMO! UNICO DE GRANDE CONSUMO!

Vende-se em todas as Pharmacias e Drogarias do Brazil

Casa Matriz — PELOTAS — RIO GRANDE DO SUL — Caixa N. 66

CASA FILIAL E DEPOSITO GERAL

Rua Conselheiro Saraiva ns. 14 e 16 — Caixa do Correio 148 — Rio de Janeiro

O 15 de Novembro

Cruzador argentino "Nueve de Julio".

A bordo do Cruzador argentino "Nueve de Julio".

NOTAS E PENSAMENTOS

— DO —

Coronel Tiburcio d'Annunciação

Recebi um folheto com uns retratos da exposição do Brazil em Turim. Eu não sei Turim onde é, nem preciso saber. Pouco se me dá que seja para lá ou para cá de Ouro Preto, ou no Acre ou na estranja. Não tenho tenção de ir passear lá a cavallo, nem de trem, de pé. Emfim, ligo tanta importancia a Turim, como a um tóco de cigarro.

Mas ha uma coisa que eu tenho muita curiosidade de saber:

— Que é que tem esse Turim de tão importante, que o nosso governo gastou lá mais de mil contos para expôr uma arrôba de café e uns kilos de borracha?

E para mostrar esse tiquinho de coisas, carecia de um gerente, o Dr. Costa Senna, ganhando não sei quanto, afóra um lóte de caixeiros?

Mal comparando, essa exposição do Brazil parece com a pharmacia do Neco da Botica, em Sant'Anna. O pai deu lhe um conto de réis para se estabelecer; elle gastou 995$000 na armação e vazilhame e com os 5$007 que sobraram comprou meia arrôba de sal amargo.

* * *

O Dr. Arthur Orlando é mesmo philosopho. Quando lhe pareceu que o conselheiro Rosa caira, elle sem demora pediu demissão de redactor do «Diario de Pernambuco», e de membro do partido rosista, e de deput.... Não. Eu ia me enganando. De Deputado elle não pediu demissão não. Tambem isso seria uma desfeita muito grande ao conselheiro Rosa.

Conversando com um doutor a esse respeito, elle me disse:

— «O Arthur Orlando é philosopho, mas não pertence á escola peripathetica, nem epicurista, nem a scholastica. Nada disso. Elle segue a doutrina de um philosopho antigo chamado Diogenes. Os philosophos dessa escola chamam-se...»

Ahi o doutor falou um nome que eu escrevi a lápis, num pedaço de papel, para não esquecer, mas que agora não sou mais capaz de ler.

E' o diabo a gente ter má letra. A palavra está aqui escripta, mas eu não sei se é «coriico», ou «caniço», ou «caneca». E' uma palavra assim com dois «cc» e o «n» no meio.

* * *

Ladainha dos afflictos

para ser rezada de joelhos, com toda compuncção, pelas viuvas, os perseguidos e os infelizes:

De dobrar a esquina
E dar com um credor
Sem 'star prevenido,
«Livrai-nos, Senhor!»

De cahir das nuvens
Ou de um ascensor,
Ou mesmo da escada,
«Livrai-nos, Senhor!»

De anthraz ou leicenço,
Ou de outro tumor,
Quer dôa ou não dôa,
«Livrai-nos, Senhor!»

De mulher birrenta
E de máo humor,
Seja moça ou velha,
«Livrai-nos, Senhor!»

De quebrar a perna
Seja como fôr,
Em casa ou na rua,
«Livrai-nos, Senhor!»

De estar preso, ouvindo
Um máo orador,
Sem poder sahir
«Livrai-nos, Senhor!»

De rio sem agua,
De jardim sem flor,
De velho sem juizo,
«Livrai-nos, Senhor!»

De ficar na chuva
Com vinho ou licor,
(Excepto champagne)
«Livrai-nos, Senhor!»

De ser o hollandez
Que pagou (que horror!)
O mal que não fez,
«Livrai-nos, Senhor!»

De ser motorneiro,
De ser conductor,
De ser mulher velha,
«Livrai-nos, Senhor!»

De ter um relogio,
Pôl-o no penhor,
E não poder tiral-o,
«Livrai-nos, Senhor!»

De tocar trombone,
De rufar tambor,
De dar assovios
«Livrai-nos, Senhor!»

De ganhar um urso,
Sem ser domador,
Ou mesmo uma cobra,
«Livrai-nos, Senhor!»

De ser idiota,
De ser eleitor,
De ter dor de dentes
«Livrai-nos, Senhor!»

A nova Camara

CANDIDATOS FEDERALISTAS E CASTILHISTAS

As futuras eleições para renovação da Camara Federal preoccupam vivamente os politicos, cujos grandes chefes, no sul e no norte, já escolheram despoticamente, ou, os mais generosos, entabolaram confabulações com os amigos para a designação dos candidatos.

Os candidatos sul-rio-grandenses já são, mais ou menos, conhecidos.

Os castilhistas, segundo é corrente, reelegerão quasi todos os seus deputados actuaes. Entre os sacrificados, que são poucos, conta-se o Sr. Campos Cartier, que não tem querido continuar no congresso republicano a sua velha reputação de parlamentar brilhante. Será substituido, dizem, pelo Dr. Flores da Cunha, o energico adversario de João Francisco, e o qual, se não tem o raro cultivo philosophico nem o fulgurante preparo litterario do Sr. Cartier, é dotado de uma vontade resistente e activa. O Sr. João Abbot cederá o posto a um coronel Aurelio, incumbido de representar o minguado elemento ethiopico do sul. Fala-se noutro sacrificio em favor do Sr. Tenente Octavio Rocha. O Sr. Carlos Maximiliano (o Dr. Chimarrita) é sustentado pelo Sr. Borges de Medeiros e tem contra si, além da má vontade do Sr. Pinheiro Machado, a antipathia do eleitorado. O incendio da Imprensa Nacional e os incidentes resultantes delle inutilisaram a candidatura do Sr. Armenio Jouvin, candidatura que só se tornou possivel quando adversarios ineptos, atacando-a inopportunamente, prepararam o publico para recebel-a sem espanto.

Os candidatos federalistas, se são verdadeiras as informações que temos, são: pelo primeiro circulo, o integro Rafael Cabeda, cuja candidatura é promovida pelo desejo unanime do partido; pelo segundo, o Dr. Maciel Junior, um dos principaes obreiros da unificação do federalismo, e pelo terceiro, o eloquente orador Pedro Moacyr.

A candidatura, em que se falou apenas nesta Capital, do Sr. Pinto da Rocha, não passou de uma carinhosa phantasia de moços ardentes e não poderia ser lançada ao partido federalista, ao qual ainda não pertence, por acto expresso ou declaração franca, o illustre jornalista.

Temos sobre a mesa o novo livro de Carlos Góes *O caçador de esmeraldas* em que o belletrista mineiro se propõe resgatar a divida de Minas para com o celebre bandeirante Fernão Dias Paes Leme.

E' um bello trabalho este, como era aliás de esperar.

Gratos pela offerta.

O Sr. *Enrico*, da redacção do *Correio da Manhã*, em excellentes artigos publicados nessa folha, e com admiravel competencia comprovada com farta erudição, tem mostrado que não se adaptam á musica do Hymno Nacional, os pseudo-versos da lettra cavallar com que se pretende, obrigando-as a cantal-a, viciar a educação artistica das creanças.

Quando se *cavou* na Camara um premio para o autor de tão estapafurdia lettra o principal argumento invocado em favor do autor e da lettra foi ser aquelle protegido pelo *Correio da Manhã*, que desancaria, affirmava-se, a quem combatesse contra os interesses pecuniarios do poetastro.

O Sr. Estacio Coimbra em telegramma para o Sr. Rosa, annuncia:

APURAÇÃO FINAL

Rosa e Silva	21.000
Dantas	19.000

Os dantistas acabam de reconhecer que os authenticos doze mil votos obtidos pelos seus adversarios são realmente vinte e um mil, mas si forem collocados de pernas para o ar.

Primeiro... o pae

Si aquelle velho gostasse de politica eu concordaria com a opinião delle sobre o caso de Pernambuco.

TROVAS

Morena, eu conheço terras
Eu já vi muita cidade;
Mas carinha como a tua,
Para mim é novidade.

Andei pelo sertão bravo,
Passei um mez em jejum,
Venho secco por um beijo;
Morena, você me dá um?

Da banda de cá do rio
E da outra banda tambem
Não ha um palmo de rosto
Como o rosto de meu bem.

O capim nasce no campo,
Embaúba no cerrado,
Meu bem nasceu no sertão
Que é logar abençoado.

Uma morena bonita
Não deve saltar pinguella,
Porque ao levantar a saia
Pódem ver as pernas della.

Dos teus dous olhos, morena,
Não sei qual é mais ladrão;
Um me roubou o socego
E o outro meu coração.

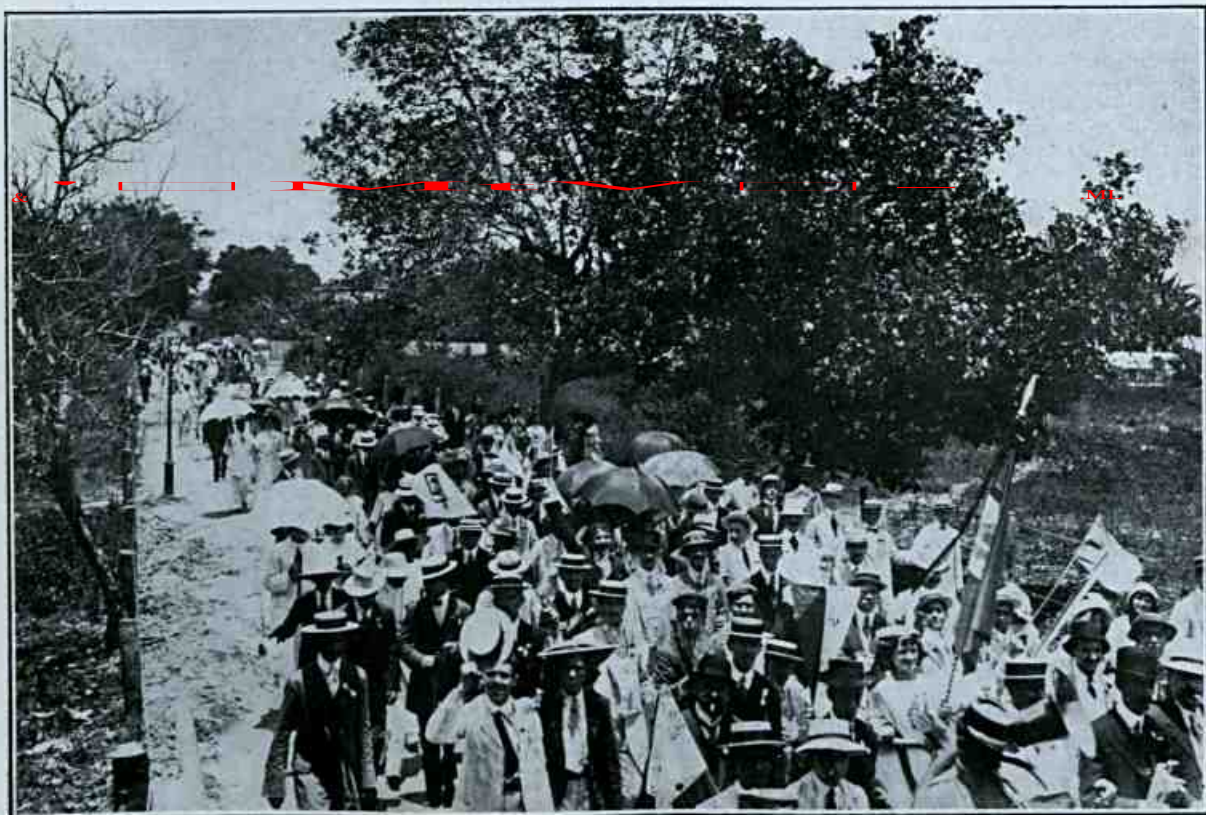
Nem todo defunto aquieta,
Alguns têm sua mania.
Meu coração já morreu
E soluça noite e dia.

X.

O Sr. Coronel Albino Costa offereceu ao Marechal Presidente a colher e o martello com que S. Ex., fazendo de pedreiro durante um minuto, argamassou a pedra fundamental da Escola de Grumetes.

O Marechal Presidente, que deve retribuir o presente que lhe offereceu o Conde Jeronymo do Espirito Santo, resolveu, fiel aos seus velhos habitos de economia, approveitar para tal fim o mimo, de valor historico, do coronel Albino. Alguem, cheio de bom senso, contrariou tal intenção, dizendo a S. Ex:

— Não faça isso, Marechal. Essa colhér é de prata e o Conde é capaz de mettel-a no prégo para pagar o presente que lhe fez.

Phenix Caixeiral

Atravez de Paquetá.

Phenix Caixeiral

Desembarque triumphal em Paquetá.

Baile á sombra das arvores em que folgaram outrora, na ilha de Paquetá, as heroinas de Macedo.

AERONAUTAS BRASILEIROS

Tito e Paulo Medeiros e Albuquerque, novos aeronautas brasileiros, cortando, em Paris, os ares nunca dantes navegados de um "atelier".

NO JARDIM DO CONVENTO

E' tarde. Quero dizer, com essa singela expressão, que a doçura merencorea do crepusculo, espiritualisando o azul radiante dos ceus e reflectindo-se, invisivel, nos aspectos da terra, suavisa a natureza e enche de doce melancolia a minh'alma religiosa de frade.

Passeio scismarento, sob a verdura parada das frondes, errando, embebido em seraphicos pensamentos, entre os lindos canteiros, onde, immoveis, nas finas hastes immoveis, as flores trescalam, coloridas.

Chegando ao termo do jardim, ouço resoar, além do muro, um claro riso sonóro. Approximo-me e, abrigado sob a fartura de uma copa d'arvore enflorada, espio: duas formosas mocinhas, satanicamente loiras, conversam, assentadas num banco de ferro, perto do muro do convento, no repousado fundo de um parque inglez. Fallam, com certeza, da Virgem, celebram as bondades consoladoras da religião. Escuto-as.

— Como foi?

— Um dia, na Avenida Central, elle passou por mim, olhou-me e sorrio.

— E tu?

— Olhei-o. Não era feio e vestia com irreprehensivel correcção. Sorri para elle.

— E depois?

— Elle começou a passar pela nossa casa. Mandou-me flores. Escreveu-me. Trocamos phrases.

— E depois?

— Quando o namoro estava adiantado papae colheu informações.

— Bôas?

— Excellentes. O rapaz era um valdevinos, um vagabundo bem vestido, um caça-dote.

— E não o repelliste?

— Resolvi isso, mas como não tinha outro namorado e é agradavel ser cortejada, conservei-o provisoriamente.

— Que sabida que tu és!

— Não veio outro. Acostumei-me a elle e, como eu, o papai. Resolvi casar-me.

— Então é por que amas.

— Não o amo, mas estou apta para amal-o e amal-o-o-hei se elle for um bom esposo.

— Isso é uma loucura. E's rica. Espera melhor partido.

— E' difficil. Ha poucos, mui poucos rapazes em condições de casar e esses em geral não se casam,

— Considera que além de rica és bonita.

— Que importa. Ha tantas mulheres bonitas e tão poucos moços ricos.

— Então estás resolvida a casar-te com o valdevinos?

— Estou.

— Não tens alguma razão occulta?

— Tenho: o temor de ficar solteira.

— Oh! Que tolice.

— Prefiro casar com um vagabundo a envelhecer solteira. Depois, como eu sou rica, desde que nos casemos o vagabundo tranformar-se-á em capitalista.

Santo Deus! Perdoa-me esta impudente curiosidade que me levou, nesta doce tarde, a saber que as cousas de amor no mundo profano não se modificaram depois da minha bendicta entrada para o recolhimento casto do convento.

FREI ANTONIO

Do Barão Avezzana, ministro da Italia, e do Cav. Nuvolari, consul do mesmo paiz, não recebemos agradecimentos pelas lisonjeiras referencias, aliás justissimas, que não fizemos ao rei Victor Manuel no dia do seu anniversario.

Informam-nos que a Agencia Americana adherio a todos os governos estadoaes que não estão ameaçados de substituição por membros dos partidos contrarios.

O Sr. Hollanda Cunha, que se póde gabar de ter sido um dos primeiros a imaginar que o Sr. Dantas Barreto podesse um dia governar Pernambuco, vae receber como premio de seu delirio, a incumbencia de angariar donativos para erguer um Hospicio de Alienados em Recife.

OS BANHOS DE MAR

AS PUDICAS RAZÕES DO SR. CHEFE DE POLICIA

Tendo verificado que foi, não a Prefeitura, como era de suppor, mas o Sr. Chefe de Policia que deu a ordem absurda contra os banhistas, mandamos um dos nossos redactores, procurar, na Capella do Confessor, a autoridade arbitraria.

S. Ex. estava sentado nos degráos de um altarsinho e fumando um vasto cigarro de palha beatificamente folheava um antigo volume illustrado do *Le Nu au Salon*, organisado e commentado por Armand Sylvestre.

O nosso companheiro, depois dos cumprimentos usuaes, abordou o importante assumpto.

— Segundo se diz e a policia pratica, aos banhistas não é licito apparecer nas praias, depois das seis da manhã, com as vestes proprias para o banho de mar. Essa ordem é de V. Ex. ?

— E' minha.

— Podemos indagar os motivos que levaram V. Ex. a tomar tal medida ?

— Pois não. Eu sou um christão submisso á Santa Madre Igreja Catholica, e não podia deixar de tomar tal precaução contra o culto pagão, pois todos os poetas que assistem ao banho de mar logo comparam as banhistas a deusas e nymphas.

— Foi essa a unica razão ?

— Houve tambem a razão moral. Aquellas roupas são muito leves e quando molhadas modelam immoralmente o corpo.

— Não nos parece, Sr. Chefe de Policia, que o corpo humano seja immoral. Considere que elle foi feito por Deus Nosso Senhor, que não faz obras immoraes.

— Lá isso é verdade. Mas Deus Nosso Senhor não quer que os seus filhos andem nús.

— Engana-se V. Ex., Sr. Chefe. Adão e Eva andavam nús no Paraizo.

— Tinham a folha de parra.

— Mas não foi Deus quem lh'a poz.

— Não importa. Devemos considerar a alma.

— Mas V. Ex. quando tomava banho de mar usava as roupas que condemna.

— E' verdade.

— E não lhe fazia mal a visinhança das bellas banhistas.

— E' certo. Eu punha a folha de parra da hypocrisia n'alma.

Convencido da justiça com que procedeu o pudico chefe, o nosso companheiro deu-lhe um aperto de mão favoravelmente hypocrita e deixou-o.

O deputado Pedro Moacyr passava, ao meio dia, pela rua Primeiro de Março, caminho da Camara, quando, em frente ao edificio do telegrapho, encontrou parado como uma estaca, com as mãos cruzadas sobre o cabo do chapéo de chuva e o olhar fixo numa pedra — o Sr. Barão de Monjardim.

Que será ? Estará doente ? Terá ficado completamente idiota ? perguntava-se em silencio o deputado gaúcho.

— Que é isso, Barão de Monjardim ?

— Monjardim ! Monjardem ! Monjardam ! Que diabo !

— Que oração de preta mina é essa, Barão ?

Chegando-se ao Dr. Moacyr e travando-lhe do braço, o Barão perguntou :

— Você é capaz de ser franco commigo ?

— Sou.

— Quero que me tire de um aperto. Eu não sei como é o meu nome.

— Pois o Sr. chegou a esta edade sem saber o seu nome ? !

— E' que houve um embrulho. Eu sei mas parece que sei errado.

— Vamos ver isso, Barão.

O Barão explicou :

— Desde que sou Barão eu sou Monjardim. Lá em Monjardim todo o mundo diz Monjardim. Hoje, no *Jornal do Commercio*, fui apresentado a um moço que deve ser muito intelligente porque é francez e logo me chamou Monjardem. Pouco tempo depois fui apresentado a um capitão que ha de ser muito preparado porque esteve em Paris e que chamou Monjardam. Agora encontro você que me chama Monjardim. Veja se não tenho motivo para estar atrapalhado ! Monjardim, Monjardem ou Monjardam ? Que embrulho.

Um goso intimo

Como é agradavel uma festa em homenagem a alguem.
Eu por exemplo sinto-me captivo deante de todas essas luminarias.
Eu fui um dos eleitores do marechal.

A LAVAGEM REGULAR

A lavagem regular do couro cabelludo é incontestavelmente o melhor methodo para conservar ao cabello a força e a saude. Empregando para essas lavagens o novo producto de alcatrão, o *Pixavon*, junta-se a virtude purificante do alcatrão á propriedade estimulante. O uso do alcatrão para a lavagem do cabello teria sido geral, se o alcatrão vulgar não tivesse dois graves inconvenientes: em primeiro lugar, o seu effeito irritante, e depois, um cheiro activo, insupportavel para muitas pessoas. Graças a um processo privilegiado, foi possivel remediar este duplo inconveniente, de modo que, pelo fabrico do *Pixavon*, só se obtem um alcatrão condensado, absolutamente puro e duma efficacia maravilhosa. Não existe actualmente alem do *Pixavon* nenhum sabão de alcatrão possuindo em tão alto grau as virtudes do alcatrão bruto, sem ter os seus inconvenientes.

figura 1

figura 2

E' simplicissimo o modo de usar o *Pixavon*. Só requer uma bacia, um frasco de *Pixavon* e, querendo uma esponja ou um copo.

Primeiro molha-se cuidadosamente a cabeça com agua. (fig 1) servindo-se para isso da esponja ou simplesmente da mão. Depois deita-se na mão (fig. 2) um pouco de *Pixavon*, uma pequenissima porção, (fig. 3). Espalha-se então o *Pixavon* sobre o cabello molhado, esfregando com força, até produzir-se uma espuma suave (fig. 4) Esta espuma deve ser o mais abundante possivel, e, sendo necessario, deita-se com a mão um pouco d'agua na cabeça para tornal-a mais abundante. Faz-se então com a ponta dos dedos uma especie de massagem em toda a superficie do couro cabelludo (o que é extremamente benefico para o cabello) conservando-se a espuma por alguns minutos (fig. 5). Depois lava-se a cabeça com muita agua, ou com uma esponja bem molhada espremida por cima da cabeça ou deitando a agua com um copo. Em qualquer dos casos não se deve poupar a agua, pois é essencial tirar toda a espuma da cabeça, de modo que a ultima toalha fique limpa depois da cabeça estar enxuta (fig. 6).

figura 3

figura 4

Depois do cabello estar enxuto, convem untal-o com algum oleo; o azeite fino pode servir; porem as pessoas que têm o cabello de natureza gordurenta, devem empregar pequena quantidade.

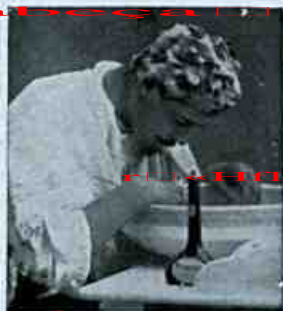



figura 5

São quasi inacreditaveis os bons effeitos do *Pixavon* em certas pessoas. Apesar da sua superioridade sobre qualquer outro similar, é dum preço modico. Vende-se nas drogarias, pharmacias e perfumarias.

Um frasco dá para alguns mezes. Esta barateza, que o torna accessivel a todas as bolsas, faz com que toda a gente possa dar ao cabello o cuidado mais conveniente e conforme á natureza.

figura 6

Bastam algumas lavagens com o *Pixavon* para conhecer os seus maravilhosos effeitos.

BAHIA DE GUANABÁRA

Vista de Icarahy e da Esquadra Nacional desfilando. (Photographia do Sr. André Charles Armaeilla)

ORACULO

Domingo — Em todas as igrejas do Brasil serão rezadas missas por alma das pessoas victimadas em Pernambuco pela sanguinaria ambição politica.

Segunda-feira — A opposição do Amazonas levantará a candidatura presidencial do coronel Pantaleão Telles de Queiroz.

Terça-feira — A opposição paraense adoptará a candidatura do coronel Lauro Sodré.

Quarta-feira — Será apresentado candidato á presidencia do Maranhão o tenente Mello Rego.

Quinta-feira O marechal Pires Ferreira lançará a sua candidatura á presidencia do Piauhy.

Sexta-feira — O general Serzedello Correia declarar-se-á apto para acceitar a presidencia do Rio Grande do Norte, pois, apezar de paraense, póde exercel-a, como já exerceu a dictadura no Paraná e na cidade do Rio de Janeiro.

Sabbado — Grande reunião dos representantes das opposições estadoaes, que acceitarão os alferes e os generaes que se escolherem candidatos ao cargo de governador.

MME. DE THEBES

Os dantistas alegres e os rosistas afflictos soberbamente proclamam a austera imparcialidade do governo federal e seus representantes na questão partidaria de Pernambuco.

Essa austera imparcialidade, que ninguem ousará contestar, é comprovada pelos seguintes factos:

— os canhões federaes do forte existente no Recife estão, desde Setembro, assestados contra o palacio do governador;

— officiaes das tropas federaes promoveram meetings e dirigiram cangaceiros a favor do Sr. Dantas Barreto;

— a policia está recolhida aos quarteis, o policiamento é feito pelas tropas federaes, os rosistas não pódem sahir á rua, a liberdade de imprensa é assegurada com o confisco violento do orgão official do Estado e os dantistas têm a liberdade de fazer disturbios;

— Os quarteis policiaes e o edificio do jornal rosista são heroicamente assaltados;

— O palacio do governador é livremente alvejado pela tropa federal;

— nos conflictos que ensanguentaram Recife no dia da passeata rosista morreram populares rosistas e soldados federaes.

Ninguem, de boa fé, contestará a imparcialidade do General Carlos Pinto e a do governo federal.

As botinas de Lourenço

O Lourenço, o rapaz mais trabalhador e conceituado do districto de Dous-óvos prum vintem, partiu para o arraial a assistir a festa do Rosario.

Lourenço não tinha um calçado decente para assistir aos festejos e por isso chegou ao arraial cedo, afim de ter tempo de escolher umas botinas boas e baratas. Porque, economico em extremo, e conhecendo o valor do dinheiro, Lourenço não adquiria objecto nenhum que não reunisse os dous requisitos: bom e barato.

Depois de correr todas as lojas, Lourenço encontrou o que lhe convinha; um par de botas reforçado, sola taxeada, carneira forte, salto bem pregado, tudo isso por quatro mil réis.

Lourenço fechou o negocio, metteu as botinas no pé e gosou o mais que poude a festa.

Terminada a funcção, Lourenço juntamente com os seus outros companheiros de Dous-óvos, metteu o pé na estrada de volta. E a primeira cousa que fez, assim que sahiram do arraial, foi tirar as botinas dos pés.

— Pois deveras, Lourenço, você vai metter seus pés descalços nesse gorgulho? perguntaram os companheiros.

— De certo; respondeu elle. Estas botinas me custaram quatro mil réis, e ellas me hão de aturar.

E seguiram. Os companheiros não deixaram de zombar de tanta somitegaria.

Lourenço ouviu tudo em silencio.

A certa altura da viagem, num trilho pedregoso, cheio de pedras lascadas e ponteagudas, e crystaes de rocha, Lourenço falseou o passo e tomou um formidavel talho na planta do pé. E voltando-se para os companheiros, com o pé a escorrer sangue e o ar victorioso, disse-lhes:

— Riam-se agora! vejam se eu tinha ou não razão. E se este talho fosse na botina?

X.

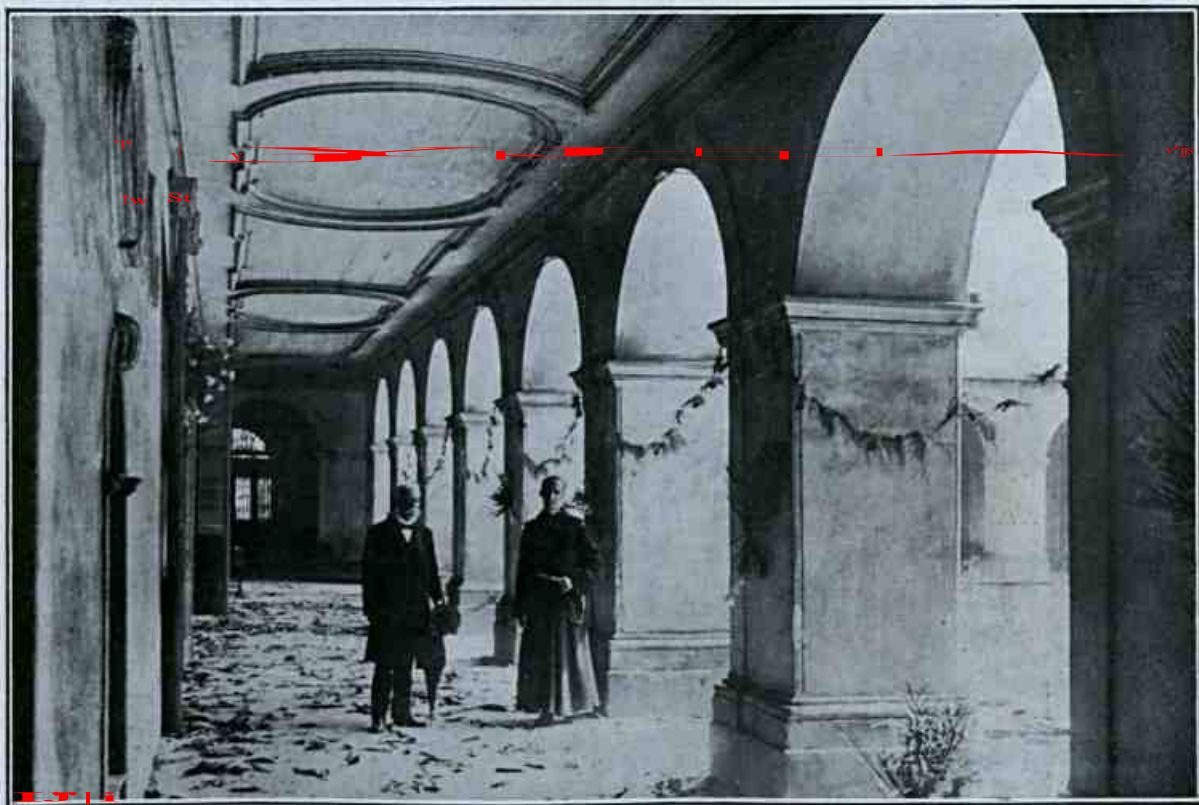
CONTRASTE

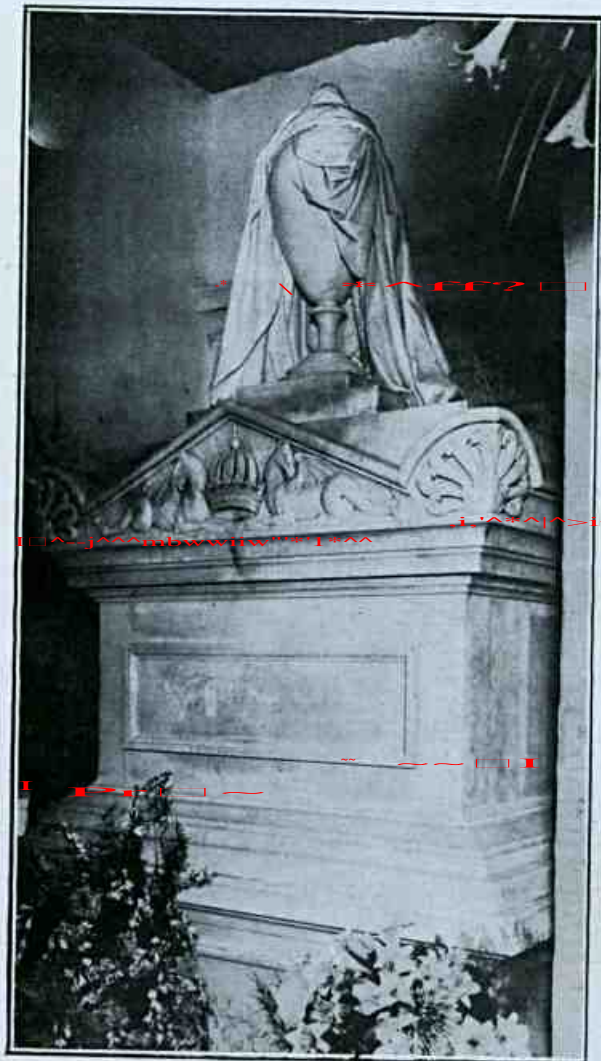
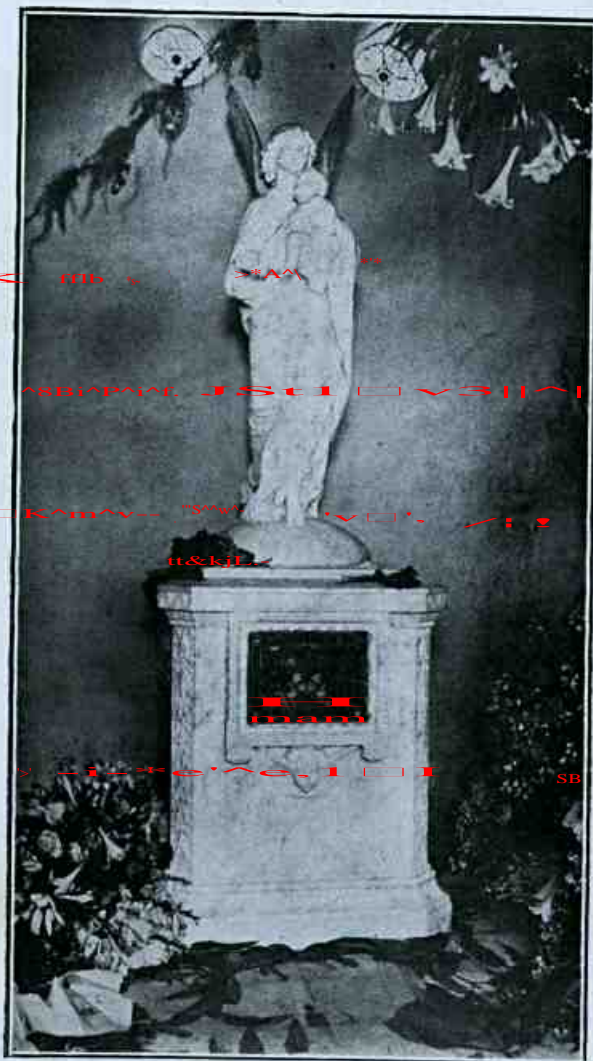
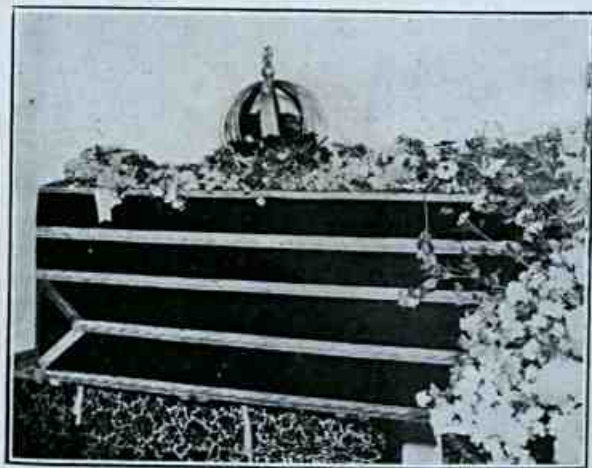
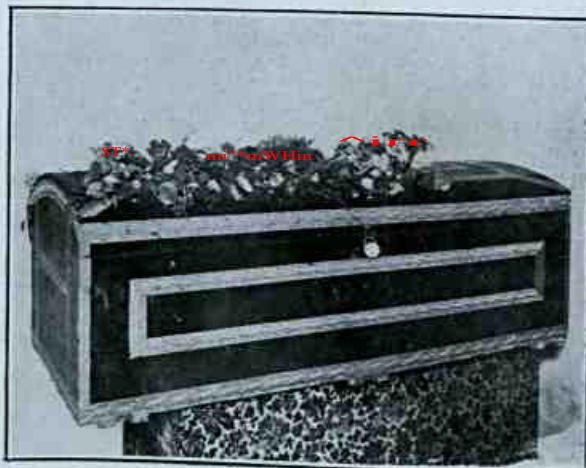
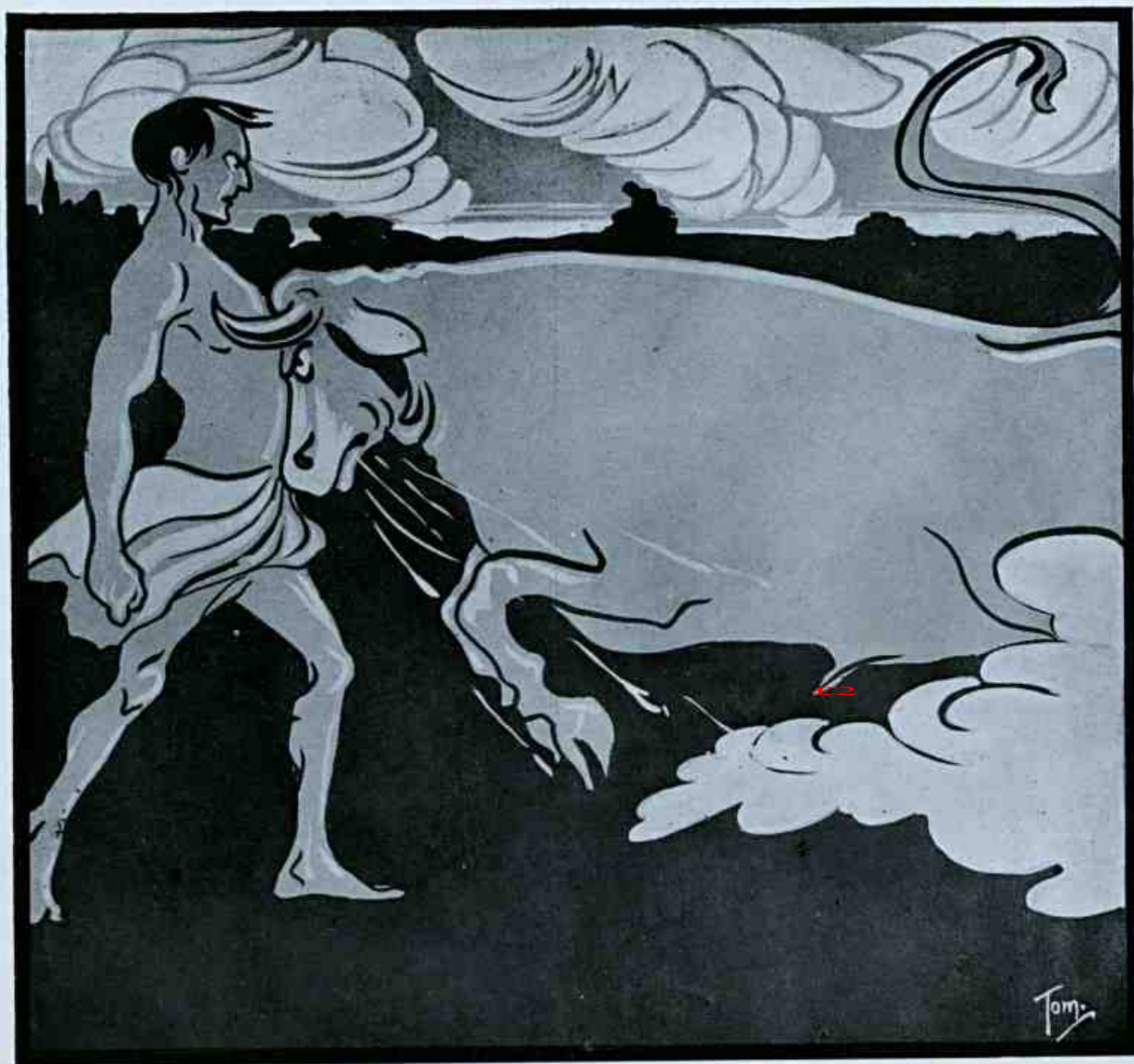
O Carnaval ahi vem. Irás de novo
Para a alegria hysterica das ruas.
Sentes-te bem nos turbilhões de povo
A ouvir pilherias cruas...

Vae, pois! E emquanto aqui tudo for festa,
Alarido, perfumes, movimento,
E no calor que a suggestão empresta
Fugir teu pensamento,

Por entre o phosphorear dos pyrilampos
E o silencio que desce das collinas,
Eu gosarei da grande paz dos campos
Numa estancia de Minas...

JORGE JOBIM

Convento de Santo Antonio

Frei Diogo conversando com o General Lassance Cunha, procurador da Familia Imperial.

TUMULOS IMPERIAES

Jazigo, no Convento de Santo Antonio, dos Principes Dom Pedro e Dom Affonso.

Mausoléo, na capella do Convento de Santo Antonio, da Princezinha d'Eu.

Ataúde, da Senhora D. Leopoldina, Archi-Duqueza da Austria e primeira Imperatriz do Brasil.

Ataúde, provisoriamente depositado no Convento de S. Antonio, contendo os despojos da Princesa D. Paula.

A vida e o trabalho nos paizes tropicaes esgota as forças do homem e termina com sua actividade tornando-o triste e inapto para tudo.

Anemia, chlorose, cachexia, nervosidade extrema e fraqueza geral do organismo se apresentam, sobre tudo depois das innumeras enfermidades tropicaes.

A SOMATOSE LIQUIDA FERRUGINOSA está predestinada em virtude de sua combinação maravilhosa e extraordinaria *á curar e fortificar*, fazendo voltar a alegria e a actividade perdidas á aquelles doentes.

Deveis exigir sempre o vidro original
com a cruz de "BAYER"

A' VENDA EM TODAS AS DROGARIAS

Para informações dirigirem-se a

Frederico Bayer & Comp. — Travessa Santa Rita, 24

LA CARÈTE ÉCONOMIQUE

Séction de propagande du Brésil à l'etranger

COMMERCE — FINANCES — INDUSTRIE — AGRICULTURE — CAVATIONS

Redaction et administration — Ici mesme. ◻ ◻ ◻ Assignatures — Quelque chose.

CHRONIQUE

Le carvon de pèdre — N'est pas nenhume chose neuve que le Brésil encerre tous les produits des trois reimes de la naturèze; pourtant il ne poderait deixer de produire le carvon de pèdre. Pour iste personne ne s'espanta avec la découverte de cette riquèze, qui fut obre de l'acase, comme en général succede avec tous les acontecimments semeillants dans ce pays des maravilhes. La première mine achée fut dans l'Estade de Sante Catherine ; un die un allemon passeyait dans le camp, quand, de repent, il donna une topade dans un grand bloc de carvon. Le case, comme l'allemon se machuca bastant dans le dede mindinhe du pied, fut sabu par la police qui leleva au conhecimment du gouverne de l'Estade et celui-ci au du gouverne féderal. Sans perde de temps, le Ministre de l'Industrie contracta un géologue allemon, viste que se tratait de carvon de Sante Cathèrine, afin de estuder le case. L'allemon leva un temps immense estudant et ganhant un ordenade beaucoup gorde. Depuis d'une portion de mois d'estude, il acaba dizant que le carvon deixait beaucoup de cinze et non servait sinon pour les ferres d'engommer.

Un geologue anglais fut enton chamé et fut d'opinion que le carvon non servait sinon pour refiner l'assucre. Depuis fut consulté un geologue américain, cuje paraitre fut que le carvon était très bon mais, avant d'être empregué dans les machines, precisait être mandé pour les Estades Unides pour être aperfeiçoé. A' la viste du desencontre des opinions techniques, allemanes, anglaises et americaines, le gouverne nomea une commission nationale composte de 1 engenheire-chef, 3 ajudants, 5 sub-ajudants, 1 secrétaire, 1 pagateur, 20 escripturaires, 35 amanuenses, 52 auxiliaires d'escripte, 12 continus et 25 servents (desquels 22 de casaque), afore les desenhistes, les photographes et autres empregués accessories.

Cette commission trabalha durant 42 mois ; et trabalherait ainde plus, mais le gouverne fut informé par une carte anonyme que cette histoire de carvon de pèdre en Sante Cathèrine était converse fiade et que le carvon de la topade de l'allemon était une pèdre cahide dune carroce qui transportait carvon et esqueçue dans le chemin.

La commission enton fut dissolute et avec elle acaba la verdadeire mine.

L'industrie de la rabade — La rabade est comme tout la gent sait une goulouserie, iste c'est, un plat national qui a passé a l'etranger où il gose de juste nomeade. Ainsi en France il se chame rabade même ; en Ingleterre Oxtail et ainsi pour devant. La rabade se fait avec le rabe du boeuf ou de vache maté au Matadoir de Sainte Croix et vendue à la rue pour les vendeurs de miudes *(voyez cet article)*. La done de la case qui deseje comprer aucunes rabades l'encommende au tripier et ce au die ajusté la trait à la maison pour le matin.

La rabade de boeuf est une succession de osses gros en cime et qui vont minguant à proportion qui cheguent à la pointe. Chaque ossinhe a en rode une petite amostre de chair très agarrée. La première chose qui la done de case fait est boter sa rabade de mouille quand elle chegue en case et depuis d'elle bien lavée la pique en pedacinhes et les bote dans la panelle pour afeiventer. Depuis chegue l'occasion de boter les temperements et les herbes qui devent former le *carourou*.

Le *carourou* est le complement naturel de la rabade. Iste fait se deixe dans le feu pour cuisiner diverses heures et quand la chair fique molle ce qui se verifique chupant un des ossinhes, la rabade est prompte. Vient enton le prète vieil qui agarre la panelle, la bote dans sa cabèce (d'il) et commence a ander pour les rues gritant : *oie a rabade !* et les gents qui gostent le chament et comprent une terrine.

La rabade se prepare tant bien avec le huile de dendê et la farine de milhe et se chame enton *angou*. L'*angou* leve beaucoup de piments de manière qui n'est pas recommendable aux personnes qui sont predispostes aux expansions coleriques.

L'*angou* se vend tant bien dans les rues, en panelles carregués par lesdits prets vieux. C'est une industrie bien florissante celle de les rabades au Fleuve de Janvier.

COLONNE AGRICOLE

La culture de la batate — La batate est une plante de la famille des solanaces, genre neutre, espèce des tuberculeuses, variétés diverses, originaire de l'Ingleterre ; pour iste c'est qu'elle est vulgairement connheçue par le nom de batate inglaise.

De l'Ingleterre elle fut transportée à l'Amerique par le grand navegadeur du XVI siècle, Sebastien Cabot, trone de l'illustre famille des Cabotins. Le batatier est une arbre qui chegue a attinger 8 a 10 mètres d'alture, de radices pivotantes, trone extremement rugueux, feuilles alternes-internes, fleurs androgynes et fruits en caixe. Chaque caixe a une portion de batates, pesant une medie de 30 kilogrammes. Le batatier se plante en fils, chaque pied distant 5 mètres l'un de l'autre. La plantation se fait pour sement ou pour galhe et pegue toujours quand non faille. La plantation se fait en Janeire et la cueillete en Agôste. Pour cueiller la batate le lavrateur corte une vare de bambou et cheguant en baisse du pied commence a batter avec force dans les batates. Si cettes sont très segures au pied c'est qu'elles sont vertes et dans ce cas le meilleur est esperer qu'elles fiquent madures, pourquoi la batate verte est très perigueuse de se manger, dizent les mediques. Un alquier de batate peut comporter 40.000 batatiers. Chaque batatier peut donner deux caixes de batates et comme la caixe custe dans le marché en medie 12$000 réis, se segue q'un alquier donne au lavrateur un lucre annuel de 960 contos de réis, ce qui n'est par pour se desprezer. Entretant nos lavrateurs tiennent se descuré beaucoup de cette culture de sorte que nous importons ainde une portion de milliers de caixes de batates pour an, mandant pour l'etranger un dinheire qui pouvait parfaitement fiquer entre nous. Nos lavrateurs avec le calcul qui fique en cime devent s'animer et continuer resolutement a planter batates.

INFORMATIONS GÉNÉRALES

La caixe de conversion — Par les ultimes balances cette caixe, institut de credit, espèce de deposite où la gent leve son dinheire en or et recebe en troque un *vale* de papier, tienne en ses cofres obre de de 330 mil contos de réis. C'est dinheire comme diable, paré, sans utilité aucune et qui pouvait parfaitement être empregué en choses utiles, comme cases pour operaires, linhes de bonds pour Jacarépaguá et barques pour Nitheroy.

Enfin comme se dit qu'iste c'est un plan financier qui sert pour valoriser le milieu circulant la gent se resigne a olher cet or tout, cheirer et même lamber comme le rat de botique pour fore du vitre.

Se realisa la première session de la commission encarreguée par le gouverne d'investiguer les causes de la carestie des genres. Chaque membre a fait un long discours dizant une portion de choses bonites e acaberent pour lavrer un paraitre levant au conhecimment du gouverne que la carestie des genres est devue a l'augmentation des prèces de les dits genres.

Ore, nous estions esperant autre chose : pour le moins que la commission proposait au gouverne supprimer les impôts sur les genres alimentices decretant sa entrée libre au pays pour le pauvre avoir direite de manger.

Mais tout qui commence en discours acabe en asneire, c'est fatal. La carestie continuera enquant le peuple sera burre.

Mr. le prefect a determiné que toutes les padaries substituissent la mas-sière manuale pour la mechanique.

Nous vons voir que pour paguer les machines de deux, une : ou le pain fique plus chèr ou plus lève. D'ici il n'y a pas sortir.

Sommes nous qui paguerons la substitution.

Nous previnons a nos lecteurs qui est pour cheguer entre nous Mr. Turot, descobriteur du Brésil. Il est precise qu'il sèje recebu caleureusement, comme un de nos bien faiteurs. Mais ici, en famille, ou à la punité comme dit le marechal-president, nous devons confesser qu'il n'a pas decouvert une grande chose !

Entre les genres qui sont encareçus ultimement se comptent les tamares et le macarron.

Les negociant attribuent cette carestie à la guerre de Tripoli mais c'este une grande pète, une pète de ce tamagne. Les tamares viennent de l'Egypte (lembrances du Pharaó) et le macarron se fait dans la rue du Lavradie.

Le Codigue Florestal est déjà une realité. D'ici pour devant les arbres seront sujettes à cet codigue et lesquelles qui s'afasteront de ses dispositions seront rigeureusement punies.

Mr. Toledo a aboli au Ministère de l'Agriculture les *rodolphinhes* ou reserves de son antecesseur. Pour iste une partie de Kimprense ne cesse de dire qu'il dève s'aller embore.

Que diables de guelles tien cette gent ! Irre !

Mr. le capitaine de corvette Tancredo de Pirapore nous a donné une notice qui nous publiquons avec toutes les reserves : les republicains chinois out pedu au gouverne brasileire le majeur Murier Guimaraens empresté pour les ensiner à executer le regîme.

Si la chose fut verité va être une grande perte pour nous que déjà estions habitués a ouir le referu majeur prononcer deux discours pour die sur les choses du Japon et autres exotismes semeillants.

Enfin comme c'est pour la felicité des chinois !...

A completé 65 ans l'autre jour le capitaine Rodolfe de Mirande pretendent au trone de S. Paul.

Il a recebu varies cumplimentes et un telegramme de legue et demie du coronel Piété, de la garde nationale de dit Etat.

DIALOGOS

VII

Manhã clara, luminosa e quente. Praia do Flamengo. Banhistas apressados passam, gottejando agua das vestes molhadas. Lentamente, ao longo da amurada, caminhando na direcção do monumento Barroso, conversam dois viuvos, ella moça, de uns trinta e dois annos, elle não velho, de uns quarenta outomnos

A viuva — Não ha maridos ciumentos no Rio de Janeiro, nem seria possivel havel-os em nosso tempo. O ciume, de resto, só é justo e toleravel entre amantes.

O viuvo — Todavia ha muitos maridos ciumentos.

A viuva São imbecis que suggerem amores illicitos, ou os justificam. Taes maridos nem sempre teriam sido desditosos si não despertassem na esposa esse germen de curiosidade viciosa que sempre existe adormecido e latente na alma femina.

O viuvo — E' a experiencia quem lhe dicta essas palavras ?

A viuva — Sim, a experiencia dos outros. Eu fui feliz, muito feliz no casamento. Casei-me por amor com um homem que me amava. Até o seu derradeiro dia nos quizemos e perdendo-o perdi a felicidade.

O viuvo — E durante o tempo em que viveram juntos nunca se permittiram uma leve traiçãosinha, um *flirt*, um olhar mais vivo, uma phrase mais ardente ?

A viuva — E' claro que sim. Eramos ambos filhos deste meio, viviamos nelle e agiamos actuados por elle. Meu marido teve fraquezas. Eu o amava, comprehendia os nossos costumes, em que se reflectem os costumes dos povos mais cultos... Eu perdoava.

O viuvo — E elle?

A viuva — ... Perdoava-me...

O viuvo — Mas, minha gentil senhora, quem ama commette fraquezas ?...

A viuva — Chamemos, a falta de melhor nome, fraquezas a esses peccadilhos. Commette-as. Commette-as por necessidade amarga, e esse não foi o meu caso, por bom humor caprichoso, por leviana curiosidade, por sympathia piedosa, por tantas razões... Sobretudo pela occasião...

O viuvo — Sim, não deixa de ter razão.

A viuva — O casamento é uma instituição que se desacredita. A sociedade caminha para o amor livre.

O viuvo — Acha ?

A viuva — Pois não. O divorcio, que ainda não adoptamos em sua plenitude, é a regulamentação do amor livre, para o qual estamos preparados.

O viuvo — Talvez não.

A viuva — Não diga tal. Veja a benevola tolerancia com que os casaes legalmente constituidos, e até os que o são catholicamente, acolhem esses casamentos hybridos de mulher de um com marido de outra perante o protestantismo, o templo presbyteriano, o pagode chinez, a egreja anglicana e todos, afinal, illegitimamente realisados atraz da porta.

O viuvo — Isso é verdade.

A viuva — Uma pessoa deve... Não se espante da minha franqueza, pois sabe que não sou uma menina...

O viuvo — Uma pessoa deve...

A viuva — Manter-se fiel a quem ama emquanto o ama, sem todavia privar-se de variações amorosas, do mesmo modo que habitamos uma casa sem deixar de frequentar as outras. Olhe, meu amigo, hoje só ha exclusivismo em amor.

O viuvo — Theoricamente.

A viuva — E o senhor ? A sua defunta era... era honesta ?

O viuvo — Como a senhora. Eu, durante o matrimonio, adoptei uma conducta semelhante á do seu marido.

A viuva — Então as idéas de sua esposa...

O viuvo — A minha esposa não tinha idéas, tinha actos.

A viuva — E o senhor ?

O viuvo — Paciencia. De resto fomos victimas de uma illusão, pois amamos um no outro o que nenhum possuia — o dinheiro. Assim, desfeito o engano, com suave tolerancia supportando-nos, procuravamos o nosso bem onde o encontravamos.

A viuva — Eu lhe deixo, meu amigo, é tarde.

O viuvo — Volta amanhã ?

A viuva — Quer encetar um *flirt* ? Entre viuvos é perigoso.

O viuvo — Quero renovar os meus principios moraes.

A viuva — Então até amanhã.

Recebemos, gentilmente offerecido pelo seu autor, o illustre Sr. Alcides Maya, o romance de costumes gaúchos — *Ruinas Vivas* — que tão grande e justo successo obteve no meio litterario brasileiro, como em Portugal, onde foi editado pela casa, celebre pelos seus desleixos e descuidos, do Sr. Lello.

INSTANTANEOS

As galantes ciganas deitando elegancia na Avenida Central.

O SANTO DO ADVOGADO

Ha cerca de duas semanas, caminhando, ao longo do Passeio Publico, em direcção ao Palacio Monroe, passava um juiz de grande nomeada, quando vio desembocar da Avenida Central, dirigindo-se para o mar, um advogado de muito renome.

O aspecto agitado e nervoso do advogado, que quasi corria, alarmou o juiz. Este suppoz que se tratava de um suicidio. Imaginou cousas terriveis: documentos alheios perdidos, prejuizos imprevistos em negocios considerados magnificos, irreparaveis desgraças domesticas.

— Fulano! Fulano! gritou, mas não foi ouvido.

Deliberou correr e, embargando os passos do advogado, impedil-o de atirar-se ás ondas. Não teve tempo.

O advogado chegou á amurada do cáes e rapidamente atirou um embrulho nagua, recuou Avenida acima e entrou no primeiro automovel que appareceu vasio.

Um crime! pensou o juiz.

Nessa persuasão, pagou a um sujeito para retirar da agua o embrulho que fluctuava. Invocou, do occorrido, o testemunho desse individuo e abrio o embrulho: continha um santo.

Lembrou-se, então, o juiz, que o advogado é muito supersticioso e concluio que certamente emprestava qualidades maleficas de *cábula* ao pobre santo condemnado ao mar.

O magistrado retirou-se levando o santo e á noite mandou collocal-o no saguão da residencia do seu legitimo proprietario. Este, quando lhe levaram, ainda molhado, o cabuloso santo, teve um grande abalo que ainda o retem no leito.

Assustado com as consequencias da salvação e reapparecimento do santo, pede-nos o magistrado que publiquemos o caso, para que o illustre encabulado saiba que o santo não sahio do mar com os seus braços nem voltou para casa pelo seu pé.

Esperamos o restabelecimento do encabulado para escurripichar-lhe o nome e o retrato nestas columnas.

O major Gomes de Castro descobriu que a imperatriz Leopoldina, cujos restos foram processional e civicamente levados ao convento da Ajuda para o de Santo Antonio na penultima quinta-feira, fôra a verdadeira *mãe dos brasileiros*.

A proposito dizia o Domingos:

— Qual historias! A verdadeira mãe dos brasileiros é o proprio major...

Mestre Laet em seu derradeiro artigo responde veladamente ás considerações que fizemos sobre o seu longo silencio emquanto não tinham solução as suas pretenções, e ao *habeas-corpus* concedido á sua lingua mal embolsou os cobres do thesouro.

Cá recebemos, mestre, não havia pressa. Póde fazer o seu negocinho á vontade, que nós não mais o atrapalharemos.

OS ULTIMOS KIOSQUES

Kiosques, os ultimos do Rio de Janeiro, derribados para todo o sempre, no dia 8 de Novembro.

O juiz sem calças

Em sua residencia, na rua Alzira Machado, em Botafogo, o juiz de direito do Estado do Rio, Dr. Octavio Martins Ribeiro, sentio um peso somnolento nas palpebras e um calor sudorifero na parte antero-posterior do corpo, tirou as calças, deitou-se em seu leito veneravel e accendeu um cigarro, que fumou até mergulhar na delicia pacificadora do somno.

Um pobre cidadão que passava na calçada, sentindo, apezar do calor, um pudico frio na parte antero-posterior do corpo, que talvez trouxesse descoberta pela ruptura lamentavel das vestes, percebeu que o nobre juiz dormia, entrou-lhe em casa e, pé ante pé, burlando a vigilancia dos creados, surripiou-lhe as calças e levou-as com os trezentos mil réis empacotados nas algibeiras dellas.

O juiz despertou, sahio preguiçosamente do leito veneravel, lavou-se e procurou as calças...

Depois de inuteis pesquizas concluio que fóra roubado num par de calças e em trezentos mil réis e despejou a sua colera de juiz sobre a mansa inactividade da policia.

Chegou a hora de reconfortar o estomago e o juiz, sem calças, comeu no quarto de dormir, como um enfermo.

Chegou a hora da audiencia na praia Grande e o juiz, sem calças, mandou dizer que adoecera.

Veio vel-o um amigo com quem esperava fazer um negocio que o libertasse da magistratura e o juiz, sem calças, mandou responder que não estava em casa.

Veio vel-o D. Tiburcia, respeitavel matrona de 70 annos. Mandou o creado despachal-a. Este obedeceu.

— O senhor juiz não está.

— Está sim senhor, eu sei que está. Elle nem foi a audiencia.

— O senhor juiz está mas está doente.

— E' mentira. Quero vel-o. Sei que está bom.

— O senhor juiz não póde receber.

— Veremos. Eu entro.

Ruborisou-se o creado e a meia voz explicou:

— Minha senhora não entre que o senhor juiz está sem calças.

D. Tiburcia desappareceu como um pé de vento que se esvae. Tornou o creado a dar conta do occorrido ao amo. Contou-lhe tudo.

Então, furioso e envergonhado, para evitar novo escandalo e ver se recuperava as calças e o dinheiro, o juiz, sem calças, correu á imprensa e á policia.

Não se contesta a acção educadora do cinematographo.

Os da nossa Avenida Central exhibem, com grande minucia e perante vastas concorrencias, os feitos homericos do exercito real da Italia contra os turcos e arabes, de todas as edades, e de ambos os sexos, em Tripoli.

Uma dessas heroicas fitas é annunciada pela nobre legenda aventureira «Os Italianos avançando pelo deserto» e mostra-nos o exercito real intrepidamente marchando ao longo de areias batidas pelas aguas oceanicas.

Assim, graças á acção educadora do cinematographo e á coragem aventurosa das tropas reaes da Italia, ficamos sabendo que o deserto tem mar.

Epitaphio praiagrandense

Neste esplendido tumulo repousa
O visconde, que foi, de qualquer cousa,
E o sceptro já não brande
Da invicta Praia Grande.
Trocou uma por uma as tartarugas
Que na face do mar levantam rugas,
E aguas, esgotos, bondes aos magotes,
Tudo trocou por commodos pacotes;
Mas, ao ver tudo aquillo,
Bolada tal que nunca avaliou,
Sentindo uma afflicção no gorgomilo,
O visconde estourou.

JEAN GRIMACE

O Sr. Francisco Valladares cansado de esperar pela sahida do Dr. Belisario Tavora atirou-se agora a uma cadeirinha de deputado.

Muito bem. Isso de esperar emmagrece.

Raul Moraes (Ouro Preto). Não publicamos xaropadas do genero da que nos enviou. Isto não é revista necrologica.

Lauro Vinhas (Parahyba). Pensa então que estamos aqui ao serviço de todos os despeitos politicos? Vá para os a pedidos dos jornaes homem e diga as cousas com o seu verdadeiro nome.

M. L. M. (Rio). Indeferido. Foi para a cesta com todas as encommendações de estylo.

Carlos Vaz (Recife). Queixe-se ao bispo. Nós é que nada temos com isso.

A. de Oliveira (Rio ?). Ahi vae o seu formosissimo soneto :

SONHO

Estava mergulhado num profundo
Somno e comtigo calmo sonhava
Sentindo-me engolphado no brilho fecundo
Da luz do teu olhar que me arrastava,

Para junto de ti. No rubicundo
Rosto teu conheci que te abrasava
Igual desejo ao meu, talvez oriundo
De igual amor que eu nem sei se propagava.

E sentei-me ao teu lado e com bondade
Costumavel um beijo suppliquei-te
Que logo me cedeste com lealdade.

Então sem o mais leve dos receios
Sequioso como Tantalo beijei-te
A testa, as mãos, a bocca e até os seios.

Continúe, seu Oliveira, que um dia ainda chegará a produzir azeitonas.

B. Pereira Pinto (Aureliano Mourão). Com toda a franqueza Sr. Pinto, na poesia o senhor nem a frango chegará jamais. Quem diz :

Diz agora linda flor
Com franqueza e lealdade
Se me dedicas teu amor
Ou se amo-te debalde...

de certo não sabe o que diz. E tambem que triste idéa a sua de amar de balde ? Em geral ninguem escolhe esse traste para semelhantes fins.

Mario Jorge (Petropolis). Indeferido. Seus dous sonetos foram para a cesta.

Samaritana (Nictheroy). Tenha paciencia Exma. mas apesar de topa a nossa boa vontade, foi impossivel aproveitar o seu trabalho.

Evaristo Cardoso Mello (Rio). Melhor será que se occupe com outra cousa. Para o verso não tem geito nenhum.

Sabino Seixas Torres (Campos). Não obstante a nossa boa vontade foi de todo impossivel aproveitar os seus versos. Quanto á sua prosa... succedeu a mesma cousa, nem mais nem menos.

K. Peta (Rio). Ahi vae o seu soneto :

A ROSA E SILVA

Tu foste o braço forte do hermismo
Espalhaste no Brazil as bayonetas
Que Ruy, o grande Ruy com heroismo
Na vanguarda da Patria co'as trombetas

Annunciou bem perto o cataclysmo !
O' tu que com astucias e com trêtas
Empurraste esta Patria para o abysmo
E' bom que pagues bem e ao *pé das lettras*

O teu erro fatal pois pouco importas
Transformar o Brazil em letras mortas
Pois bem ; agora aguente-se no aperto.

Soffre e supporta a dura realidade :
Quem vento espalha colhe tempestade
Quem Hermes faz requer Dantas Barreto.

Devemos confessar que isso não é verso, mas é verdade.

Levindo Ferreira (Guaratinguetá). Não póde ser irmãosinho. E' habito velho nosso não ceder os numeros desta revista gratuitamente. E depois quem quer fazer collecções puxa pelos nikeis. Filado, não.

Marcos Castro (Sabará). Que diabo quer que lhe façamos ? Nós não temos força para evitar as perseguições do tal alferes de policia. Melhor será que se dirija ao coronel Bueno Brandão. Elle é quem póde dar remedio.

Alvaro Salles (S. Paulo). Ahi vae o seu soneto :

REDIVIVA

Foi numa tarde de Novembro ardente
Que tu partiste e eu me fiquei sosinho
Vinha cahindo a tarde e no caminho
As rolas se beijavam ternamente.

Em Junho tu voltaste e alegremente
Eu te esperava com o teu maninho
A estrada cheirava a rosmaninho
E o coração batia-me tremente.

Quando te vi fui apanhar um ramo
Para offertar-te e dar-te a boa vinda
E assim provar-te quanto e quanto te amo.

Mas tu me vendo as costas me voltaste
E emquanto eu me espantava tu ainda
Um riso zombeteiro desfechaste.

Carlos Soares (Rio). Seu soneto *Pyrilampos*, foi direitinho para a cesta.

Abel Andrade (Ouro Preto). Não é do nosso genero.

Cesar de Andrade (Rio). Seu conto *O Cura* foi para a cesta com todas as honras ecclesiasticas.

Leoncio Maia (Bello Horizonte). Não póde ser, querido amigo. Seus versos são de uma tal estupidez que não ha meios de lhes aproveitar uma palavra.

A proposito de engrossamentos

Foi em Bello Horizonte. Governava o Estado de Minas aquelle extraordinario espirito de João Pinheiro cuja morte foi o inicio de todas as desgraças que se succederam, ininterruptas, na politica federal.

Carvalho Britto espalhava escolas e mais escolas por todo o vasto territorio mineiro.

Os coroneis, chefes politicos, feudatarios municipaes, vinham a Bello Horizonte tratar dos interesses de campanario e eram pelo presidente levados á Gamelleira para apreciar os trabalhos agricolas feitos por processos novos, sem o auxilio da enxada rotineira, e retiravam-se assombrados de que João Pinheiro não quizesse ouvir falar em remoções de subdelegados ou inspectores escolares.

Do norte ao sul do paiz, animados de uma esperança nova, todos os olhares convergiam para a figura do extraordinario estadista, destinado a sem o protesto de uma unica voz vir occupar a successão de Affonso Penna.

Foi quando Mr...... (o nome que importa?) chegou a Bello Horizonte. Era um francez, moço, intelligente e audacioso; *cavador* emerito dentro em poucos dias conseguiu relacionar-se nas rodas da politica e da alta administração.

E taes cousas fez, com tal arte trabalhou que criou fama. Junto a João Pinheiro fez-se um trabalhinho tenaz e obstinado para aproveitar os talentos do forasteiro. O presidente hesitava.

Para precipitar a decisão o francez annunciou uma conferencia sobre o futuro de Minas Geraes. Fez-se. Compareceu o presidente, compareceram os deputados e senadores, altos funccionarios, jornalistas, que sei eu... tudo quanto a cidade possuia de mais brilhante.

E o francez começou a discorrer...

Falou e falou muito. E ao tratar da cidade pintou-o no futuro, maior, cheia de avenidas e de palacios... «a maior chamada Avenida João Pinheiro», outras ainda com os nomes de todos os filhos: «avenida D. Helena Pinheiro, avenida Paulo Pinheiro...» e por ahi além...

João Pinheiro não disse nada, mas á primeira pessoa que lhe foi falar nas pretenções do francez, respondeu com aquelle sorriso tão seu, carregado de penetrante ironia:

— Ora!... Pois você não ouviu o homem cantar de gallo?

* * * Offerecido pela Livraria Editora desta Capital recebemos um exemplar, encadernado em percaline, da Fantasia romantica em dois episodios *Numa Nuvem*, de que é auctor o illustre poeta Goulart de Andrade.

O justo renome de que gosa, perante o publico e entre os homens de lettras, o joven e fecundo auctor, dispensa encomios á sua nova obra.

Todavia accentuaremos que pela delicadeza poetica do assumpto, pelo caracter gentil das personagens, pelo brilhante lavor do verso, este poema de viva e suave realidade, ficará no Theatro de Goulart de Andrade como a *Princesse Lointaine* no Theatro de Edmond Rostand.

Nos dois episodios em que se desdobra a acção com um fulgor esplendido o fino poeta demonstrou como é possivel fazer theatro representavel, em versos parnasiamennte impeccaveis, pois fel-os perfeitos, alternando em todo o drama as rimas graves com as agudas.

Até á hora em que escrevemos o Sr. Accioly não teve conhecimento de qual o militar que vae ser o seu successor.

O Sr. Luiz Domingues, idem.

O Sr. Alberto Maranhão, tambem.

O Sr. João Machado, da mesma fórma.

O Sr. Jeronymo Monteiro, amen.

O Sr. Luiz Bahia, eminente confrade do senador Arthur Lemos na redacção politica dos nossos collegas *Os Apedidos do Jornal do Commercio*, vae ver ainda uma vez burlado os seus patrioticos desejos de representar o elastico Estado do Pará repousando as exhaustas poisadeiras numa cadeira de deputado.

Ao passo que Rego de Medeiros, que deu agora para assignar annuncios de medicamentos, tem esperanças de ser eleito por Dantas Barreto e Raphael Pinheiro afiaga a promessa de representar o Dr. Seabra pela Bahia, o Dr. Luiz vê perecerem as suas esperanças e falharem as promessas com o mergulho de Antonio Lemos.

O Sr. coronel Rodolpho Paixão não é absolutamente candidato á presidencia de Minas Geraes.

O Sr. coronel Rodolpho de Abreu é que está se enfeitando...

O jantar nupcial

Estavamos na mesa do nobre conselheiro Thomaz da Rosa, meu ex-futuro sogro, e festejavamos nesse dia, com guizados e luzes, o meu noivado, officialmente proclamado entre cheiros de empadas e espoucar de bons vinhos, com a linda Manuela, filha unica e unica herdeira dos largos milhões, que sempre julguei hypotheticos, do nobre conselheiro.

A hora assucarada dos doces, que é tambem a hora eloquente dos brindes, para ser gentil com a linda Manuela, que desejava comer um pedacinho de um queijo universalmente rejeitado pelos convivas, servi-me de um pedaço de queijo.

Brandi delicadamente o garfo, espetei com decisão uma particula de queijo e abri os labios e as mandibulas. Vi, nesse momento, um bichinho, um simples e annellado vermesinho branco sahir de um buraquinho do queijo, do queijo que eu deixara no meu prato, a passear sobre elle. Tive um vomito e fechei rapidamente a bocca.

Logo, com a maior cautella para não ser visto pelos convivas, bati com o cotovello no cotovello de Manuela e mostrei-lhe o bichinho:

— Não comas o queijo. Vês?

Ella, porém, sorriu.

— Porque? Tens nojo? Esse bichinho é bonito e com certeza não faz mal.

Isto disse e trincou-o. Eu, imbecil de estomago fraco, portei-me como um individuo que a bordo não domina o enjôo; emporcalhei Manuela, enojei a todos e, por incivil, fui expulso da mesa, da casa e do amor de Manuela.

Os Maviosissimos Pianos "BECHTEL"

São vendidos a prestações mensaes, a preços e condicções sem competencia, pela casa

CAMARGO & COMP. —:— RUA SETE DE SETEMBRO, 195

Vendas a prestações semanaes, com direito a sorteio, pelas dezenas, dos seguintes artigos:

Relogios chapeados a ouro.
Guardas-chuva, com cabos de prata e seda sup.
Pistolas "Browning".
Phonographos "Lipsia".
Bicycletas "Haenel".
Capas ou sobretudos de borracha.

Chapéus "Panamás"
Bellos conjunctos de roupas de cama.
Bellos conjunctos de roupas de meza.
Calçado superior.
Guarnições de toilette, metal branco.
Ditas de chá e café.

Vendas a prestações mensaes de

Machinas de Escrever, Motocyclettes e Cadeiras Mechanicas para Barbeiros.

CAMARGO & COMP.

Rua Sete de Setembro N. 195 — Rio de Janeiro

Maravilhoso preparado exclusivamente vegetal, efficaz na cura radical da **calvicie, caspa, quéda do cabello, sardas, manchas** da pelle, **espinhas** e todas as molestias do couro cabelludo.

A **SUCCULINA** faz renascer os cabellos e desenvolver o seu crescimento rapidamente, tornando-o fino e sedoso. Acompanha cada frasco uma serie de attestados de pessoas curadas.

Attenção: Contratamos a cura da **calvicie** e nos achamos á disposição das pessoas que quizerem quaesquer informações; dirijam-se a F. Corrêa, nosso representante, rua General Camara n. 26, ou aos fabricantes — **Irmãos Teixeira & C. — Caixa Postal 830, S. Paulo.**

A' venda em todas as Drogarias e Perfumarias.

POSSUIREIS MINHAS SENHORAS

o irresistivel attractivo d'uma tez incomparavel, a maciez, o avelludado, a deliciosa frescura d'um rosto novo, e

sereis sempre bellas

GRAÇAS Á

Eau de Lys de Lohse

BRANCA —
— ROSADA
RACHEL —

Fornecedor de S. S. M. M. Imperiaes da Allemanhã

— Vende-se nas boas casas de perfumaria —

CLUBS de Guarda-chuvas,

Bengalas e Capas de borracha

dos mais acreditados fabricantes inglezes

=

AUTORIZADOS POR CARTA PATENTE N. 9

=

Sorteios pela Loteria Federal

=

Avenida Central N. 93

= CASA =
GARCIA

Recebem-se inscripções.

Peçam prospectos.

VOU MUDAR DE OFFICIO; SINTO-ME DOENTE E SEM FORÇAS, O FERRO DE ENGOMMAR PÕE-ME NA ESPINHA!.

ENGANAS-TE FILHINHA. NÃO É DO FERRO QUE DEVES TE QUEIXAR. E SIM DESSES COLLARINHOS ORDINARIOS MAL FABRICADOS COM MATERIAL DA PEIOR QUALIDADE. A PROVA AQUI ESTOU EU, COM O MESMO OFFICIO, FORTE, GORDA, BONITA COM DINHEIRO NA CADERNETA E UM BELLO RAPAZ PARA ME CASAR!, TUDO ISSO PORQUE SÓ ENGOMMO COLLARINHOS DA IMPORTANTE FABRICA CONFIANÇA DO BRAZIL, OS UNICOS QUE SE ENGOMMAM BEM!, É NA

RUA DA CARIOCA, Nº 87
← RIO DE JANEIRO →